

# MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

DIRECÇÃO-GERAL DE INOVAÇÃO E DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

## Programa de História da Cultura e das Artes

**Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas**  
**11º e 12º anos**

**Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro**  
**10º, 11º e 12º anos**

### **Autores**

António Camões Gouveia  
António Filipe Pimentel (Coordenador)  
Elvira Maria Serra Alvarez  
João Nuno Sales Machado  
Raquel Pereira Henriques  
Ricardo Santa Rita Monteiro

Homologação

14/09/2004

## Índice

### **Iª PARTE**

Introdução .....	3
------------------	---

### **IIª PARTE**

#### **Apresentação do Programa**

1. Finalidades, Objectivos e Competências.....	4
Finalidades da disciplina.....	5
Objectivos fundamentais.....	6
Objectivos Gerais.....	6
Competências a desenvolver.....	7
2. Visão geral dos temas/conteúdos.....	8
Casos práticos propostos no Módulo Inicial.....	10
3. Gestão do tempo.....	16
Visão global do Tronco Comum (categorias analíticas e indicadores) .....	18
História da Cultura e das Artes como Componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas	
Tronco Comum e Área das Artes Visuais (11º e 12º anos) .....	22
Tronco Comum e Área da Dança (11º e 12º anos) .....	24
Tronco Comum e Área da Música (11º e 12º anos) .....	26
Tronco Comum e Área do Teatro (11º e 12º anos) .....	28
História da Cultura e das Artes como Componente de Formação Científica dos Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro	
Tronco Comum e Área das Artes Visuais (10º, 11º e 12º anos) .....	30
Tronco Comum e Área da Dança (10º, 11º e 12º anos) .....	33
Tronco Comum e Área da Música (10º, 11º e 12º anos) .....	35
Tronco Comum e Área do Teatro (10º, 11º e 12º anos) .....	38
4. Sugestões metodológicas gerais.....	40
5. Recursos .....	43
6. Avaliação.....	44

### **IIIª PARTE**

<b>Desenvolvimento do Programa de História da Cultura e das Artes</b> .....	46
Módulo Inicial, Tronco Comum e Área Artística de Artes Visuais .....	46

### **IVª PARTE**

<b>Bibliografia</b> .....	67
---------------------------	----

## I<sup>a</sup> PARTE

### Introdução

No quadro do Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de Março, o nível secundário de educação, correspondentes aos 10º, 11º e 12º anos, organiza-se em: Cursos científico-humanísticos, Cursos tecnológicos, Cursos artísticos especializados e Cursos profissionais.

A disciplina de *História da Cultura e das Artes* insere-se na componente de formação específica dos Cursos científico-humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas, nos 11º e 12º anos, apresentando uma carga horária de três tempos lectivos de 90 minutos por semana.

Mas insere-se também na componente de formação científica dos Cursos artísticos especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, nos 10º, 11º e 12º anos, com uma carga horária de dois tempos lectivos de 90 minutos por semana.

Partiria, assim, a elaboração do presente programa, do pressuposto teórico de responder ao próprio sentido da criação de uma disciplina de *História da Cultura e das Artes* e à objectiva necessidade de, sem prejuízo da autonomia epistemológica de cada uma das áreas artísticas analisadas e há muito consagradas, deverem estas ser entendidas como materialização daquela, isto é, de ser a arte, a despeito da forma que tenha revestido, sempre uma forma de expressão da cultura que a gerou. Porém, se as diversas expressões artísticas não podem ser compreendidas, na sua complexidade, à margem da compreensão global do quadro genérico onde se inscreve o seu devir, a criação de uma disciplina onde a cultura e as artes se estudam em confronto permitirá avançar também para um pressuposto em certo sentido mais radical: o de que é a própria História da Cultura que adquire uma nova dimensão se analisada em permanente interacção com os objectos artísticos nos quais, no decurso do tempo, se foram materializando as sucessivas formas de entender e questionar o mundo. O presente programa procura consagrar essa perpétua e fundamental interacção entre as artes e a cultura ou entre a cultura e as artes, consoante a perspectiva que se adopte na abordagem da questão. E foi por isso também que se procurou favorecer uma abordagem não hierárquica, mas essencialmente dinâmica e transversal dessa interacção.

## IIª PARTE

### Apresentação do Programa

#### 1. Finalidades, Objectivos e Competências

Uma vez que o actual Ensino Secundário procura aprofundar a formação adquirida no Ensino Básico, todo o programa foi elaborado a partir das competências essenciais que se desejam promover ao longo do período formativo correspondente a nove anos de escolaridade. As finalidades, objectivos e competências definidas neste programa continuam a aquisição desse processo, tentando consolidá-lo e ampliá-lo. Para que o professor possa delinear actividades consentâneas com as características da disciplina e com as eventuais dificuldades que os alunos possam ter, há competências essenciais que consideramos estruturantes, sob pena de ser necessário reorientar o trabalho logo numa fase inicial do ano lectivo. No caso desta disciplina, consideramos que é fundamental os alunos terem adquirido as seguintes competências gerais<sup>1</sup>:

- “Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio”. Se isto não se verificar, o trabalho de qualquer disciplina ficará obviamente muito dificultado. Propomos, neste caso, reforço transversal de actividades dedicadas ao uso adequado da língua.

- “Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados”, “Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável” e “Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns”. O aluno no décimo ano de escolaridade já deve saber como aprender, como procurar a informação, como tratá-la e como relacionar-se em grupo. Caso isto não se verifique, será necessário reforçar as chamadas metodologias de trabalho activas e/ou colaborativas na sala de aula, facto que adiante se explicará quando se referirem as sugestões metodológicas gerais.

---

<sup>1</sup> Incluídas no documento oficialmente publicado em 2001: *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, DEB, Setembro de 2001, , p. 15.

Propositadamente, não referimos as duas primeiras competências gerais definidas no documento do Currículo Nacional do Ensino Básico, por nos parecerem bastante mais complexas. Provavelmente terão sido adquiridas por alguns alunos que chegam ao 10º ano, mas muitos haverá que irão desenvolvê-las ao longo destes três anos do nível secundário de educação. São elas: “Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano” e, sobretudo, “Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar”. Por estas razões, aparecem de forma mais simplificada nas competências gerais a desenvolver também com esta disciplina.

### **Finalidades da disciplina**

#### Ao nível da formação

- . Qualificar e diversificar a formação cultural e artística.
- . Contribuir para a formação académica e profissional.
- . Promover atitudes de investimento pessoal em formações futuras.

#### Ao nível das competências gerais

- . Preservar e valorizar o património artístico e cultural.
- . Entender a defesa do património como acto de cidadania.
- . Consolidar o sentido de apreciação estética do mundo.
- . Evidenciar uma atitude crítica enquanto receptor de objectos artísticos.
- . Mobilizar os conhecimentos adquiridos na disciplina para criticar a realidade contemporânea.
- . Pesquisar, seleccionar e organizar informação diversificada de uma forma autónoma, responsável e criativa.

- . Compreender o objecto artístico como documento/testemunho do seu tempo histórico.
- . Enquadrar a especificidade do discurso e das categorias analíticas de cada área artística na análise conjuntural do tempo e do espaço (histórico e cultural).

### **Objectivos fundamentais**

- . O professor deve estimular no aluno o gosto pela criação artística nas suas múltiplas vertentes. Este objectivo mais abrangente implica quatro objectivos específicos fundamentais:
  - Ensinar/aprender a ver.
  - Ensinar/aprender a ouvir.
  - Ensinar/aprender a interpretar.
  - Ensinar/aprender a contextualizar.

### **Objectivos gerais**

Propositadamente, e no intuito de contribuir de outro modo para o esclarecimento das categorias analíticas do Tronco Comum, os objectivos gerais da disciplina foram elaborados a partir desses indicadores que se denominam “Tempo”, “Espaço”, “Biografia”, “Local”, “Acontecimento”, “Sínteses” e “Casos Práticos”.

- Situar cronologicamente as principais etapas da evolução humana que enquadram fenómenos culturais e artísticos específicos. (*Tempo*).
- Reconhecer o contexto geográfico dos diversos fenómenos culturais e artísticos. (*Espaço*).

- Compreender a acção individual como determinante na apreciação dos diversos processos históricos, culturais e artísticos. (*Biografia*).
- Valorizar o local como cruzamento de múltiplas interacções (culturais, políticas, económicas ou sociais). (*Local*).
- Relacionar um tempo breve, de natureza especialmente marcante, com o contexto em que se inscreve. (*Acontecimento*).
- Identificar os elementos estruturantes que caracterizam a singularidade da cultura de cada época. (*Sínteses*).
- Reconhecer o objecto artístico como produto e agente do processo histórico-cultural em que se enquadra. (*Casos Práticos*).

### **Competências a desenvolver**

Continuámos a considerar relevante partir do “perfil do aluno competente em História” no final dos primeiros nove anos de escolaridade. O *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, fornece algumas explicações <sup>2</sup>:

“. Utiliza as noções de evolução, de multicausalidade, de multiplicidade temporal e de relatividade cultural no relacionamento da História de Portugal com a História europeia e mundial;

. Aplica procedimentos básicos da metodologia específica da História, nomeadamente a pesquisa e interpretação de fontes diversificadas, utilizando técnicas diversas de comunicação;

. Integra e valoriza elementos do património histórico português no quadro do património histórico mundial;

. Manifesta respeito por outros povos e culturas”.

Assim sendo, cremos que a disciplina de História da Cultura e das Artes deverá contribuir para consolidar as competências enunciadas no Currículo Nacional do Ensino Básico e permitir ao aluno:

---

<sup>2</sup> Ver no quadro genérico da competência histórica, o perfil do aluno competente em História no final do 3º ciclo de escolaridade - DEB, Setembro de 2001, p. 90.

- Utilizar em cada área artística o vocabulário próprio.
- Analisar o objecto artístico na sua especificidade técnica e formal.
- Reconhecer o objecto artístico como documento/testemunho do seu tempo histórico.
- Reconhecer o estudo do objecto artístico como processo fundamental para o conhecimento do passado.
- Adoptar métodos de trabalho próprios, individuais e/ou de grupo.
- Comunicar correctamente opiniões e resultados de pesquisa (oralmente e por escrito).
- Utilizar diversos recursos na pesquisa e comunicação de informação.

## **2. Visão geral dos temas/conteúdos**

Foi o entendimento propedêutico do real sentido da integração da *História das Artes* na *História da Cultura*, que justificou, tanto a estruturação do programa com base num tronco comum de História da Cultura, em permanente articulação com os troncos específicos das diversas *Histórias das Artes*, de acordo com os diferentes percursos formativos, como a repartição desigual do respectivo tempo lectivo: aproximadamente 26% para a História da Cultura, 55% para cada uma das áreas específicas, em cuja análise verdadeiramente se resolve o sentido último da própria disciplina e cerca de 19% para avaliações sumativas, visitas de estudo e outras actividades fora da sala de aula, entendendo-se estes valores como essencialmente indicativos, a serem geridos pelo docente em função da própria experiência lectiva. Como foi ainda esse mesmo entendimento que alimentou a noção de ser mais eficaz (e atraente, para alunos cuja vocação se dirige às diversas áreas artísticas), ao invés da tradicional evocação, narrativa e exaustiva, da História da Cultura, equacionar a sua análise a partir de um conjunto limitado de grandes momentos estruturantes — susceptíveis, porém, de resumir, na sua sequência, a plenitude dessa área epistemológica —, equacionados a partir de um complexo fixo de coordenadas, cuja *materialidade* permitisse a ligação imediata ao campo cultural das artes onde se situa a sua vocação.



Donde a composição em onze módulos, dos quais o primeiro concebido como módulo introdutório ou de motivação (a serem leccionados em dois ou em três anos) e sua submissão a coordenadas de significado não somente cultural, mas igualmente material e temporal e designados de: *A Cultura da Ágora*, *A Cultura do Senado*, *A Cultura do Mosteiro*, *A Cultura da Catedral*, *A Cultura do Palácio*, *A Cultura do Palco*, *A Cultura do Salão*, *A Cultura da Gare*, *A Cultura do Cinema*, *A Cultura do Espaço Virtual*. Donde também a sua organização por meio das categorias *tempo*, *espaço*, *biografia*, *local*, *acontecimento* e *sínteses* e, por fim, a necessidade de, sistematicamente, equacionar *casos práticos*, seleccionados no conjunto das diversas áreas de especialização, pela sua particular representatividade no âmbito das quatro áreas artísticas. Esta última categoria tem, com efeito, por objectivo, proporcionar aos alunos de cada uma das áreas específicas o contacto com as diferentes artes, alcançando assim, pela descoberta da transversalidade das expressões artísticas, uma formação mais completa e abrangente.

Efectivamente, entendeu-se dever potenciar, numa disciplina de *História da Cultura* integrada no âmbito do estudo das diversas *Histórias das Artes*, a compreensão dos *tempos longos* da História — observados no plano cultural, mas também nesses outros, que lhe subjazem, político, económico, social, mental, etc. —, perspectivando-os a partir de marcos materiais particularmente representativos da vida social (e, logo, cultural, política, económica, etc.) dos sucessivos tempos históricos em presença, concebidos por forma a que cada um deles projecte o anterior e antecipe o que se lhe segue, por molde a induzir sempre um entendimento dinâmico da construção da história.

Emerge assim, logo à partida, o tempo da *Ágora* como marco, a um tempo físico e simbólico, da civilização helénica, em especial ateniense. A sua análise, que obriga, na área das artes visuais, a uma evocação, mesmo que breve, do que foi o carácter das civilizações pré-clássicas e sua evolução a partir das culturas neolíticas (que aqui se inscreve, sem necessidade de sobrecarregar um programa que luta com óbvios constrangimentos espaciais), antecipa, por seu turno, o tempo do *Senado*, evocador do mundo romano enquanto sistema civilizacional e jurídico, realidade com a qual a Idade Média se afirmará em ruptura mas, igualmente, em numerosos pontos, em continuação. E assim sucessivamente até à contemporaneidade, no decurso da análise de *tempos* que

se ilustram em *espaços-síntese* como o *Mosteiro*, a *Catedral*, o *Palácio*, o *Palco*, o *Salão*, a *Gare*, cada um deles se afirmando em continuidade e ruptura com o *tempo* anterior.

A contemporaneidade traz, contudo, dimensões novas, como a velocidade das comunicações, a mobilidade das populações e o novo protagonismo do espaço ficcional decorrente da generalização progressiva do acesso aos meios de comunicação e das novas tecnologias. Este conjunto de noções, cuja introdução poderá ser propiciada ainda pelo *tempo da Gare*, levaria a centrar a análise do século XX no grande binómio que simboliza o conjunto das grandes rupturas que introduz: o *Cinema* como espaço psicológico ao alcance das grandes massas, inovação central da primeira metade do século e o *Espaço Virtual*, que verdadeiramente consagra, nos seus múltiplos aspectos, o mundo global em que hoje vivemos.

E são justamente essas grandes rupturas culturais e estéticas do século XX, em particular nas suas últimas décadas e a complexidade das aproximações necessárias à sua compreensão, que se pretendem evocar no módulo inicial, como ponto de partida para a própria abordagem da disciplina. A sua finalidade, todavia, não é fornecer ao aluno, desde logo, o conjunto desses equipamentos analíticos, mas tão somente sugestioná-lo para a desconcertante diversidade da criação artística e para a necessidade de se munir desses mesmos utensílios, numa aproximação que tem de ser a um tempo técnica e cultural. Donde a sua construção com base num elenco de *casos práticos* que se considerou (obviamente entre muitas outras escolhas possíveis) a um tempo paradigmático e acessível ao docente, mas sobretudo representativo da plurimodalidade da expressão artística contemporânea. Daí também a liberdade que o docente tem de substituir estes por outros, de acesso eventualmente mais fácil, desde que respeitando o carácter representativo do conjunto que aqui se procurou reunir e, nele, do conjunto de questões que se pretendeu suscitar.

<b>Módulo Inicial</b>	
<b>Casos práticos que propomos para análise</b>	<b>Fundamentação teórica e prática</b>
<i>Three Tales</i> , Steve Reich (Música). Beryl Korot	A obra <i>Tree Tales</i> de Steve Reich representa um modelo comunicacional de fácil apreensão pelo ouvinte médio, ao adoptar:

<p>(Vídeo). Nonesuch Records. Warner Group Company. 3º conto: <i>Dolly</i>. Versão DVD.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Uma linguagem musical próxima da música Pop/Rock, com a acessibilidade característica das obras dos minimalistas, de que Steve Reich é um dos principais representantes.</li> <li>. A junção da componente vídeo à musical, num registo multimédia apelativo, entre a linguagem do <i>video-clip</i> e do documentário.</li> <li>. A utilização de temáticas de conteúdo apreensível, didáctico e de carácter social e politicamente relevante para a caracterização da história do século XX (veja-se o caso da clonagem, no conto que recomendamos).</li> </ul>
<p><i>Lichtung II</i>, Emmanuel Nunes. Ensemble Intercontemporain. Direcção Jonathan Nott. Ircam.</p>	<p>A obra <i>Lichtung II</i> de Emmanuel Nunes serve para exemplificar uma linguagem mais hermética, característica da herança <i>avant-garde</i> do século XX. Trata-se igualmente de uma obra recente, de um compositor português de referência mundial na cultura musical contemporânea. Esta obra pode ilustrar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. A utilização de uma linguagem musical altamente complexa, quer em termos concepcionais, quer em termos auditivos, que nos transporta para novas dimensões auditivas, que desafia as nossas noções convencionais e a nossa capacidade de entendimento – como é apanágio de muita da produção artística, desde o século XX.</li> <li>. A utilização da electrónica “ao vivo” na manipulação, modificação e emissão dos sons produzidos pelos instrumentos acústicos, através de um programa computacional concebido pelo próprio compositor. Trata-se também aqui da continuidade lógica das práticas composicionais que remontam à segunda metade do século XX, após o advento dos meios electrónicos, neste caso, utilizando os meios do Ircam (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique), uma das principais instituições dedicadas à pesquisa, criação e divulgação musical contemporâneas.</li> <li>. A preocupação já não apenas com os parâmetros convencionais da música (melodia, ritmo, harmonia, timbre, etc.) mas também com a questão da espacialização do som. A disposição dos 12 instrumentos acústicos e dos 13 altifalantes, bem como a gestão electrónica da emissão do som, são elementos absolutamente intrínsecos à concepção da obra, criando um espaço sonoro que deverá ser adaptado em função das características do espaço físico.</li> </ul>
<p><i>Estádio Municipal de Braga</i>, Souto Moura.</p>	<p>Nesta peça de Eduardo Souto Moura cruzam-se as noções de equipamento, com requisitos técnicos imperiosos, de público, a acolher e a ter de ver a partir dela, de respeito pelo corpo natural, obrigando a soluções de arte na utilidade arquitectónica.</p> <p>O estádio de futebol de Braga, motivado por um torneio internacional de futebol, criado para acolher encontros desportivos com um público muito específico e obrigando a regras claras de concepção e centralidade (é o relvado que está no centro), levou a um dimensionamento correcto e equilibrado do corpo das bancadas laterais, abrindo sobre as pedras que a natureza depositou no local. O arquitecto deixou no jogo entre o peso do construído e do</p>

	<p>existente a possibilidade de um “respirar espaço” em que cada um pode intervir com a fineza e o cuidado criado na concepção das linhas executadas.</p> <p>Trabalho de técnica com vista a uma utilização pré-definida e permitindo o nascer de arte, de traço, de diferença, é um exemplo contemporâneo da procura de controlo dos volumes urbanos pelo homem que os usufrui.</p>
<p><i>The Barn</i>, Paula Rego, 1994. Coleção Joe Berardo.</p>	<p>Hoje, pintar é intervir. Essa é a razão da escolha deste trabalho de Paula Rego de 1994. Pinta-se uma estrutura de medos, que vão dos receios ancestrais dos “morcegos”/vampiros aos floridos trabalhos do dia-a-dia do estábulo, ou à imagem da própria mulher que, mais que tratadora de animais, se apresenta eroticamente prostrada sobre palhas recobertas de pano negro. Outras, ou a mesma? fustigam com vergastas não a passiva e ubérrima vaca, mas a sua própria imagem enquanto mulheres do marginal assumido.</p> <p>Pintura no feminino e sobre o feminino adensado de fantasmas de masculinidade e de raízes sentidas nas formas fortes e nas cores soturnas, ainda que marcadas pelo girassol amarelo ou animadas pelo elemento animal. Animal, vaca, que se coloca no centro do olhar entre estruturas de cenografia de um estábulo, procurando uma aproximação ao real pelo irracional. As formas femininas, em plano frontal, expressam força física, impondo-se a um mundo que ainda as lê delicadas e impotentes.</p> <p>O texto pintado por Paula Rego é um documento dos contrastes entre as formas e ideias preponderantes e marginais em torno do sexo feminino.</p>
<p><i>Sente-me, Ouve-me, Vê-me</i>, série de trabalhos de Helena Almeida. Existe também DVD com vídeos <i>Ouve-me</i> e Estudo para o trabalho <i>Seduzir</i>.</p>	<p>Helena Almeida está entre os artistas portugueses que se afirmaram nos anos 70 e a sua obra situa-se no contexto das chamadas práticas anti-conceptuais que romperam com os processos e formatos mais tradicionais e abriram a cena artística a novas experiências, nomeadamente com a fotografia.</p> <p><i>Sente-me, Ouve-me, Vê-me</i> constituem uma série de trabalhos particularmente importantes na obra de Helena Almeida pondo em jogo, simultaneamente, alguns dos mais importantes elementos da contemporaneidade, nomeadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Recurso sistemático à inscrição do corpo na prática artística através da dinâmica transdisciplinar (obra portadora de uma eficaz confluência de disciplinas e atitudes: fotografia, vídeo e instalação sonora);</li> <li>. Recurso à dimensão performativa;</li> <li>. Valorização da relação do trabalho com o espaço que acaba por se resolver no domínio da chamada instalação.</li> </ul>
<p>La Fura dels Baus. Ver <i>D. Quixote</i> na página on-line <a href="http://www.lafura.com">www.lafura.com</a></p>	<p>A revisitação contemporânea do <i>D. Quixote</i> (versão ópera) ilustra de forma exemplar as propostas performativas dos <i>La Fura dels Baus</i>.</p> <p>Grupo eclético que reúne profissionais da diversas áreas artísticas e</p>

	<p>que propõe uma dimensão performativa particular, baseada na procura de novas formas de expressão e de relação com o público, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Utilização de espaços anti-convencionais;</li> <li>. Utilização de uma série de recursos cénicos que podem incluir a música, o circo, a pirotecnia, o movimento, o uso de materiais naturais e industriais e a utilização das novas tecnologias;</li> <li>. Utilização de uma linguagem visual própria através do vídeo e de outros recursos à imagem e à incorporação de actores que na sua versatilidade dominam quer a expressão dramática quer o movimento;</li> <li>. Exploração de situações limite na busca de novas linguagens e linhas de expressão artística.</li> </ul>
--	--

Ao módulo inicial, entendido como unidade de *Motivação* seria, pois, confiado o encargo de operar, como a própria designação consagra, a *motivação*, não apenas para o estudo da disciplina, mas para uma duradoura sedução — no âmbito de um ensino entendido como formador de cidadania — pelos domínios da criação artística (na sua multivariabilidade), analisados doravante de forma cronológica, estabelecendo porém, logo à partida, uma forte ligação ao tempo contemporâneo onde os destinatários se situam.

Essa a razão porque se entendeu dever colocar o aluno, de imediato, em confronto com a visualização e audição de obras de arte contemporânea, através da análise de seis casos práticos seleccionados entre os diversos domínios da produção artística e em cujo âmbito o aluno se confronta com a complexidade da expressão artística e com a existência de um equipamento teórico de que necessita de munir-se para abordar a área artística que eleger — ao mesmo tempo que recebe noções básicas sobre o aparato teórico que rodeia as restantes disciplinas, com as quais, por natureza, a sua própria se relaciona (preparando, desse modo, a intermodalidade que constitui a medula do programa). E é também a partir desse mesmo confronto com o tempo actual que, pelo natural quesito de buscar a raiz das coisas, se impõe a necessidade de evocar o passado que, no seu longo devir, explica e justifica a extrema complexidade do presente, percurso que os módulos seguintes se propõem estabelecer.

Ao tempo presente se voltará pois, por fim, no último módulo, agora, contudo, na posse dos imprescindíveis utensílios analíticos fornecidos pelo estudo do longo percurso

(cultural e estético) desenvolvido pelo Homem até à actualidade. Esta a razão porque se consideraria particularmente aliciante a retoma do conjunto de casos práticos abordados no módulo inicial ao termo do programa, quando o aluno dispõe já da possibilidade de os analisar autonomamente, na sequência das competências adquiridas.

O carácter generalista e até certo ponto narrativo respeitado por cada um dos troncos específicos, justifica-se pela dimensão técnica que o estudo das disciplinas artísticas necessariamente impõe. Por seu turno, os *casos práticos* permitem evocar transversalmente a multivariada das expressões artísticas, ao mesmo tempo que materializam a conjuntura histórico-cultural de que constituem paradigmas.

Foi também esse desiderato de *materializar*, em veículos paralelos de aproximação, a complexidade factual do processo histórico, que levou a concentrar a sua análise num conjunto de categorias, que consagram, em fim de contas, o próprio elenco dos objectivos gerais da disciplina. São elas, o *tempo* (situando cronologicamente o processo evocado no quadro geral da civilização), o *espaço* (como evocação do sentido determinante da interligação do processo histórico com o marco geográfico), o *local* (como forma de valorizar o *locus* como ponto de cruzamento de múltiplas interações), a *biografia* (como forma de apreciar a interacção entre o protagonismo individual e o processo histórico em que se insere) e o *acontecimento* (como evocação, através de um *facto* considerado de especial relevância, do tempo histórico em que se insere), apoiadas em *sínteses*, que condensam as grandes linhas de força de cada conjuntura. E é justamente por se tratar da evocação das diversas conjunturas — e de uma disciplina de *História da Cultura* na *História das Artes* — que se entendeu dever seleccionar as *biografias* e os *acontecimentos* não no plano da intervenção artística, mas no plano histórico que lhe subjaz e onde aquela se inscreve. O tempo longo da civilização surge assim evocado a partir de personalidades consideradas particularmente representativas do seu tempo (a partir das quais outras, que com elas interagem, se poderão e mesmo deverão evocar) entendido como totalidade, o mesmo sucedendo ao nível do *acontecimento*.

A contemporaneidade, obrigando a outros desafios e ao protagonismo novo da consciência colectiva e do “eu”, sugeriria, assim, a selecção de um tipo diverso de figuras biografadas. Entendeu-se, desse modo, dever eleger, para o tempo do *Cinema*,

aquela que é, decerto, a mais popular e transversal das figuras de ficção: *Charlot*. Nela se condensa, com efeito, o protagonismo exemplar do humor como forma de expressão colectiva e do poder da comunidade social sobre os sistemas, ao mesmo tempo que, ao remeter-se, por uma vez, para uma personagem enquanto personalidade, se pretende sublinhar a importância da generalização e crescente influência na sociedade do mundo ficcional. Por seu turno, para o tempo do *Espaço Virtual*, emerge o “eu”, o ser crítico e actuante que existe em cada um de nós, sugerindo ao aluno, no termo do percurso proposto, a elaboração da sua própria auto-biografia, como agente central do processo histórico, propondo assim que passe a reflectir sobre a sua condição e percurso.

Pelas características expostas da disciplina e da filosofia que presidiu à elaboração do respectivo programa, considera-se imprescindível a vertente prática de contacto com as obras de arte e com a complexa realidade que as envolve — consagrada, no próprio programa, na disseminação de *casos práticos* — e, nesse sentido, recomenda-se vivamente a recorrente saída da sala de aula e da própria escola, a fim de observar, ouvir e reflectir *in loco*. O lado técnico da construção, da produção e da divulgação da obra de arte será, assim, ministrado fundamentalmente através de um conjunto de experiências que, a título de exemplos, aqui se inventariam, enunciando do mesmo passo o conjunto de vertentes que em cada uma delas devem ser exploradas.

Por último, entendeu-se, por se tratar de um programa concebido em função do ensino secundário, com um enquadramento temporal necessariamente limitado, dever centrar-se a sua análise, tanto no plano da História da Cultura como no das diferentes áreas artísticas, numa perspectiva ocidental de base europeia, com o necessário enfoque na correlativa situação portuguesa, que particularmente se pretendeu valorizar, desde logo no que respeita aos *casos práticos* analisados. O programa assume, assim, uma matriz que funda a nossa própria cultura, cimentando uma informação identitária, não sem procurar pontos de contacto com outras culturas e formas de expressão artística.

### 3. Gestão do Tempo

Para o cálculo do número de aulas a atribuir ao tronco comum e às diferentes áreas artísticas, foram consideradas apenas 28 semanas lectivas. Com efeito e não obstante a determinação legal que estipula a existência de 33 semanas lectivas, ensina a prática que, nas escolas, raramente é possível ultrapassar as 28 semanas. Desse modo e em obediência à filosofia, desde o início definida, de conceber um programa efectivamente viável no quadro temporal existente, entende-se dever considerar apenas as 28 semanas lectivas, resultando a hipotética existência de maior disponibilidade temporal em benefício da sua própria leccionação: poder-se-ão assim aumentar o número de trabalhos de pesquisa, individuais ou em grupo, as actividades fora da sala de aula, diversificar ainda mais as actividades dentro da sala de aula, métodos de trabalho cuja existência, aliás, se considerou estrutural na construção do programa.

Assim sendo, propomos a planificação desta disciplina para 168 tempos lectivos de 90 minutos, porque se for leccionada como componente de formação específica dos Cursos científico-humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas, aparece apenas nos 11º e 12º anos, mas ocupa três tempos lectivos por semana. Se for leccionada como componente de formação científica dos Cursos do ensino artístico especializado de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, está prevista para o 10º, 11º e 12º ano, com uma carga horária de dois tempos lectivos de 90 minutos por semana, o que perfaz exactamente o mesmo número de aulas para uma ou outra componente. Mas a forma como propomos a gestão desses 168 tempos lectivos teve sobretudo em consideração três aspectos que consideramos fundamentais:

1º- Dadas as especificidades das áreas artísticas, considerou-se que a maior parte do tempo lhes deverá ser atribuído – são cerca de 55% do total (embora as actividades fora da sala de aula devam ser entendidas como trabalho para as áreas específicas).

2º- O tronco comum obrigará a um esforço de síntese prévio por parte do professor e, por isso mesmo, a uma selecção criteriosa da forma como organizará as actividades, mas não deverá ocupar mais do que 26% do total de tempos lectivos disponíveis.

3º- Para as tradicionais avaliações sumativas (em número de duas por período escolar) mas, sobretudo, para as visitas de estudo e, de um modo geral para o conjunto



de actividades fora da sala de aula que entendemos como inquestionáveis embora flexíveis, propomos 19% do tempo total.

Por razões óbvias, estas percentagens alteram-se ligeiramente quando esta disciplina é organizada para ser leccionada em três anos, na modalidade de componente de formação científica dos Cursos do ensino artístico especializado: o número de tempos destinados a avaliações sumativas é maior, mas também o número de saídas da escola deve ser ajustado por ano lectivo, de molde a não ser muito inferior ao proposto nos dois anos da componente de formação específica.

Visão Global do Tronco Comum									
Categorias Analíticas e Indicadores									
Módulos	Tempo	Espaço	Biografia	Local	Acontecimento	Síntese 1	Síntese 2	1º Caso Prático	2º Caso Prático
<b>1. A Cultura da Ágora</b>	Século V a.C.	Atenas. A <i>polis</i> .	O Grego Péricles (c. 500-429 a.C.).	A Ágora.	A Batalha de Salamina (480 a.C.).	A Mitologia: deuses e heróis.	A organização do pensamento. O mito, os sentimentos, as virtudes e a razão.	Os templos de <i>Parthenon</i> e <i>Athena Niké</i> .	O diálogo entre o coro ( <i>kommós</i> , lamentação) e Xerxes depois da fala da Rainha nos <i>Persas</i> de Ésquilo (525-456 a.C.).
<b>2. A Cultura do Senado</b>	Século I a.C. / d.C.	Roma.	O romano Octávio.	O Senado.	O Incêndio de Roma (64) por Nero (54-68).	A língua latina.	O ócio.	A Coluna de Trajano (98-117).	Frescos de Pompeia (79).
<b>3. A Cultura do Mosteiro</b>	Séculos IX-XII.	A Europa dos Reinos Cristãos.	O cristão São Bernardo (1090-1153).	O mosteiro.	A coroação de Carlos Magno (800).	Os guardiães do saber.	O poder da escrita. <i>Scriptorium</i> , livreria e chancelarias.	Canto Gregoriano.	São Pedro de Rates.

<p><b>4.</b> <b>A</b> <b>Cultura</b> <b>da</b> <b>Catedral</b></p>	<p>Século XII – 1ª metade século XV.</p>	<p>A Europa das Cidades.</p>	<p>O letrado Dante Alighieri (1265-1321).</p>	<p>A Catedral.</p>	<p>A Peste Negra (1348).</p>	<p>A cidade.</p>	<p>A cultura cortês.</p>	<p>A Catedral de <i>Notre-Dame de Amiens</i> (1220-1280).</p>	<p>Nicolau Lanckman de Valckenstein, Casamento de Frederico III com D. Leonor de Portugal (festas de 13 a 24 de Outubro de 1451).</p>
<p><b>5.</b> <b>A</b> <b>Cultura</b> <b>do</b> <b>Palácio</b></p>	<p>1ª metade século XV – 1618.</p>	<p>A Europa das rotas comerciais.</p>	<p>O mecenas Lourenço de Médicis (1449- 1492).</p>	<p>O palácio.</p>	<p>O <i>Revolutionibus orbium coelestium</i> (1543), de Nicolau Copérnico (1473-1543).</p>	<p>O Humanismo e a imprensa.</p>	<p>Reformas e espiritualidade.</p>	<p>A <i>Anunciação</i> (1475-1578) de Leonardo da Vinci (1452-1519).</p>	<p>Fala do Licenciado e diálogo de Todo-o- Mundo e Ninguém. <i>Lusitânia</i> (1532), de Gil Vicente (c. 1465-1536?) (<i>Compilaçam</i>, versos 390 a 460 e 797 a 866).</p>
<p><b>6.</b> <b>A</b> <b>Cultura</b> <b>do Palco</b></p>	<p>1618-1714.</p>	<p>A Europa da Corte.</p>	<p>O Rei Sol Luís XIV (1638- 1643-1714).</p>	<p>O palco.</p>	<p>O Tratado de Utrecht (1713).</p>	<p>A mística e os cerimoniais.</p>	<p>A Revolução científica.</p>	<p>La cérémonie Turque. <i>Le Bourgeois Gentilhomme</i> (1670) de</p>	<p>O Real Edifício de Maфра (1717- 1730/1737).</p>

								Molière (1622-1673) e de Lully (1632-1687).	
<b>7. A Cultura do Salão</b>	1714- 1815.	Da Europa das monarquias à Europa da Revolução.	O filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).	O Salão.	A <i>Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão</i> (1789).	As Luzes.	Da festa galante à festa cívica.	W. A. Mozart (1756-1791), <i>Le nozze di Figaro</i> (1786) – <i>finale</i> (c. 15m) (versão em DVD).	O urbanismo da Baixa Pombalina (1758-...) – Planta de Eugénio dos Santos para a reconstrução de Lisboa.
<b>8. A Cultura da Gare</b>	1814-1905.	A Europa das Linhas Férreas.	O engenheiro Gustave Eiffel (1832-1923).	A Gare.	A 1ª Exposição Universal (Londres, 1851).	O indivíduo e a natureza.	Nações e utopias.	Palácio da Pena, Sintra (1838-1868/1885).	Fotografia de Lewis Hine (1874-1940), Italian family on ferry boat leaving Ellis Island (1905).
<b>9. A Cultura do Cinema</b>	1905-1960.	Da Europa para a América.	O <i>Charlot</i> (1917-1934) de Charles Spencer Chaplin (1889-1977).	O cinema.	A descoberta da penicilina (1928) de Alexander Fleming (1881-1955).	O homem psicanalisado.	Rupturas.	“Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX” – 1ª Conferência Futurista de José de	Pablo Picasso (1881-1973), <i>Guernica</i> (1937).

								Almada Negreiros (1893-1970) no Teatro República a 14 de Abril de 1917.	
<b>10.</b> <b>A</b> <b>Cultura</b> <b>do</b> <b>Espaço</b> <b>Virtual</b>	1960 – Actualidade.	O mundo global.	Autobiografia.	A Internet.	A chegada do homem à Lua (1969).	O corpo e as novas linguagens.	O consumo.	Andy Warhol (1928-1987), <i>Coca-Cola</i> (1960).	Pina Bausch (1940- ), <i>Café Muller</i> (1978).

<b>História da Cultura e das Artes</b>
<b>Componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas</b>

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área das Artes Visuais	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>11º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum A arquitectura grega A escultura grega A cerâmica e a pintura	4    8	    12
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum A arquitectura romana A escultura romana A pintura e o mosaico	4    6	    10
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum A arquitectura românica A escultura românica As artes da cor: pintura, mosaico, iluminura A Europa sob o signo de Alá	4    10	    14
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum A arquitectura gótica A escultura gótica A Itália e a Flandres O gótico cortesão Ainda sob o signo de Alá	4     8	     12
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio Tronco Comum A pintura renascentista A arquitectura renascentista A escultura renascentista O(s) Maneirismo(s) A Europa entre o Renasc. e o Maneirismo	4     12	     16
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	10	10
		<b>TOTAL</b>	<b>84</b>

<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação		2
	<b>Módulo 6 - A Cultura do Palco</b>		
	Tronco Comum	4	
	A arquitectura barroca		
	A escultura barroca		
	A pintura barroca		
	O caso francês		
	Da Europa para o mundo	9	13
	<b>Módulo 7 - A Cultura do Salão</b>		
	Tronco Comum	5	
	A estética do Iluminismo		
	A intimidade galante		
Da Europa para o mundo			
O regresso à ordem	6	11	
<b>Módulo 8 - A Cultura da Gare</b>			
Tronco Comum	5		
O Romantismo			
A pintura romântica			
O Realismo e o Impressionismo			
A arte ao redor de 1900	9	14	
<b>Módulo 9 - A Cultura do Cinema</b>			
Tronco Comum	5		
As grandes rupturas	10	15	
<b>Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual</b>			
Tronco Comum	5		
A arte enquanto processo	8	13	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	10	10	
	<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	

<b>História da Cultura e das Artes</b>
<b>Componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas</b>

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área da Dança	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>11º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum Os espaços de representação da dança A Mousiké	4  4	  8
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum Os espaços do entretenimento A dança-pantomima	4  4	  8
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum O espaço da Igreja As representações litúrgicas e as manifestações pagãs	4  4	  8
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum Nos espaços da habitação senhorial Os divertimentos e o trovadorismo	4  4	  8
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio Tronco Comum Na sala do palácio e na cidade A festa	4  4	  8
	Módulo 6 - A Cultura do Palco Tronco Comum No palco do palácio O <i>Ballet de Cour</i>	4  11	  15
	Módulo 7 - A Cultura do Salão Tronco Comum As "letres sur la danse" O <i>Ballet d'actio n</i>	5  4	  9
	Avaliação de carácter sumativo Actividades fora da sala de aula	6 10	6 10
		<b>TOTAL</b>	<b>84</b>



<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 8 - A Cultura da Gare		
	Tronco Comum	5	
	No palco do teatro		
	O bailado romântico	13	18
	Módulo 9 - A Cultura do Cinema		
	Tronco Comum	5	
	Nos palcos do Mundo e no Cinema		
	Os movimentos de ruptura e os construtores de sistemas	17	22
	Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual		
	Tronco Comum	5	
Nos espaços anti-convencionais			
A dança em processo	20	25	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	11	11	
	<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	

<b>História da Cultura e das Artes</b>			
<b>Componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas</b>			
<b>Anos de Escolaridade</b>	<b>Tronco Comum e Área da Música</b>	<b>Número de tempos lectivos de 90m</b>	
		<b>Parciais</b>	<b>Sub-totais</b>
<b>11º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum A origem divina da música A interligação das artes A racionalização da música Instrumentos musicais	4 3	7
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum Música ritual e militar Música como entretenimento público e privado A teoria musical e a sua transmissão Instrumentos musicais	4 2	6
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum Canto Gregoriano Tropos e Sequências Drama litúrgico Polifonia medieval: do <i>Organum</i> paralelo ao <i>Discante</i> melismático	4 5	9
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum Trovadorismo Polifonia medieval: de <i>Notre-Dame de Paris</i> à polifonia profana <i>Ars Nova</i> e <i>Ars Subtilior</i> Instrumentos musicais	4 6	10
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio Tronco Comum Período internacional da renascença Música vocal profana no século XVI Música vocal religiosa no século XVI Autonomização da música instrumental	4 7	11
	Módulo 6 - A Cultura do Palco Tronco Comum Ópera, Oratória e Cantata Música instrumental A codificação da linguagem tonal Instrumentos musicais Em Portugal	4 17	21
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	10	10
	<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	



<b>História da Cultura e das Artes</b>
<b>Componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas</b>

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área do Teatro	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>11º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    9	    13
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    2	    6
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    2	    6
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    10	    14
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    9	    13
	Módulo 6 - A Cultura do Palco Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    8	    12
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	10	10
	<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	

<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 7 - A Cultura do Salão		
	Tronco Comum	5	
	Espaços, suportes, linguagens		
	Obras, autorias e intérpretes		
	Recepção	10	15
	Módulo 8 - A Cultura da Gare		
	Tronco Comum	5	
	Espaços, suportes, linguagens		
	Obras, autorias e intérpretes		
	Recepção	13	18
Módulo 9 - A Cultura do Cinema			
Tronco Comum	5		
Espaços, suportes, linguagens			
Obras, autorias e intérpretes			
Recepção	13	18	
Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual			
Tronco Comum	5		
Espaços, suportes, linguagens			
Obras, autorias e intérpretes			
Recepção	10	15	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	10	10	
	<b>TOTAL</b>	<b>84</b>	

<b>História da Cultura e das Artes</b>	
<b>Componente de Formação Científica dos Cursos do Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro</b>	

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área das Artes Visuais	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>10º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum A arquitectura grega A escultura grega A cerâmica e a pintura	4  8	  12
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum A arquitectura romana A escultura romana A pintura e o mosaico	4  6	  10
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum A arquitectura românica A escultura românica As artes da cor: pintura, mosaico, iluminura A Europa sob o signo de Alá	4  12	  16
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	8	8
	<b>TOTAL</b>		<b>56</b>

<b>11º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	<b>Módulo 4 - A Cultura da Catedral</b>		
	Tronco Comum	4	
	A arquitectura gótica		
	A escultura gótica		
	A Itália e a Flandres		
	O gótico cortesão		
	Ainda sob o signo de Alá	8	12
	<b>Módulo 5 - A Cultura do Palácio</b>		
	Tronco Comum	4	
A pintura renascentista			
A arquitectura renascentista			
A escultura renascentista			
O(s) Maneirismo(s)			
A Europa entre o Renasc. e o Maneirismo	11	15	
<b>Módulo 6 - A Cultura do Palco</b>			
Tronco Comum	4		
A arquitectura barroca			
A escultura barroca			
A pintura barroca			
O caso francês			
Da Europa para o mundo	9	13	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	8	8	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 7 - A Cultura do Salão		
	Tronco Comum	4	
	A estética do Iluminismo		
	A intimidade galante		
	Da Europa para o mundo		
	O regresso à ordem	5	9
	Módulo 8 - A Cultura da Gare		
	Tronco Comum	4	
	O Romantismo		
A pintura romântica			
O Realismo e o Impressionismo			
A arte ao redor de 1900	7	11	
Módulo 9 - A Cultura do Cinema			
Tronco Comum	4		
As grandes rupturas	7	11	
Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual			
Tronco Comum	4		
A arte enquanto processo	6	10	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	7	7	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	



<b>História da Cultura e das Artes</b>
<b>Componente de Formação Científica dos Cursos do Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro</b>

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área da Dança	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>10º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum Os espaços de representação da dança A Mousiké	4 4	8
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum Os espaços do entretenimento A dança-pantomima	4 4	8
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum O espaço da Igreja As representações litúrgicas e as manifestações pagãs	4 4	8
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum Nos espaços da habitação senhorial Os divertimentos e o trovadorismo	4 4	8
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio Tronco Comum Na sala do palácio e na cidade A festa	4 4	8
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	6	6
	<b>TOTAL</b>		<b>56</b>

<b>11º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 6 - A Cultura do Palco		
	Tronco Comum	4	
	No palco do palácio		
	<i>O Ballet de Cour</i>	11	15
	Módulo 7 - A Cultura do Salão		
	Tronco Comum	5	
	As "letres sur la danse"		
	<i>O Ballet d'actio n</i>	4	9
	Módulo 8 - A Cultura da Gare		
Tronco Comum	5		
No palco do teatro			
O bailado romântico	11	16	
Avaliação de carácter sumativo			
Actividades fora da sala de aula	6	6	
	8	8	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 9 - A Cultura do Cinema		
	Tronco Comum	5	
	Nos palcos do Mundo e no Cinema		
	Os movimentos de ruptura e os construtores de sistemas	14	19
	Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual		
	Tronco Comum	5	
	Nos espaços anti-convencionais		
	A dança em processo	16	21
	Avaliação de carácter sumativo		
Actividades fora da sala de aula	6	6	
	8	8	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

<b>História da Cultura e das Artes</b>
<b>Componente de Formação Científica dos Cursos do Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro</b>

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área da Música	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>10º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum A origem divina da música A interligação das artes A racionalização da música Instrumentos musicais	4     3	     7
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum Música ritual e militar Música como entretenimento público e privado A teoria musical e a sua transmissão Instrumentos musicais	4     2	     6
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum Canto Gregoriano Tropos e Sequências Drama litúrgico Polifonia medieval: do <i>Organum</i> paralelo ao Discante melismático	4     5	     9
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum Trovadorismo Polifonia medieval: de <i>Notre-Dame de Paris</i> à polifonia profana <i>Ars Nova</i> e <i>Ars Subtilior</i> Instrumentos musicais	4     6	     10
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio Tronco Comum Período internacional da renascença Música vocal profana no século XVI Música vocal religiosa no século XVI Autonomização da música instrumental	4     7	     11
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	3	3
<b>TOTAL</b>			<b>56</b>

<b>11º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 6 - A Cultura do Palco Tronco Comum Ópera, Oratória e Cantata Música instrumental A codificação da linguagem tonal Instrumentos musicais Em Portugal	4     17	     21
	Módulo 7 - A Cultura do Salão Tronco Comum A popularização da música O Pré-Classicismo: Estilo Galante e Estilo Expressivo A Forma Sonata Música Instrumental Ópera Música Religiosa Em Portugal	5       19	       24
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	3	3
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 8 - A Cultura da Gare		
	Tronco Comum	5	
	O <i>Lied</i>		
	Música para Piano		
	Música Orquestral		
Ópera e Drama Musical			
O final de século: Pós-Romantismo, Nacionalismo, Escolas francesas			
Em Portugal	11	16	
Módulo 9 - A Cultura do Cinema			
Tronco Comum	5		
Modernismo pré 1ª Guerra Mundial:			
A. A revolução atonal da 2ª Escola de Viena			
B. As respostas à crise tonal de Stravinsky e de Bartok			
C. Os futuristas italianos			
Período Entre-Guerras:			
A. Neoclassicismo e nova objectividade			
B. A 2ª Escola de Viena e o dodecafonismo			
C. Edgar Varése			
Pós 2ª Guerra Mundial ( <i>Avant-Garde</i> nos anos 50):			
A. Serialismo integral			
B. Música aleatória			
C. Música electrónica			
D. Inovações de notação			
E. O compositor numa torre de marfim?			
Em Portugal	11	16	
Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual			
Tronco Comum	5		
Pós-serialismo:			
A. Música de texturas			
B. Novas técnicas instrumentais e vocais			
C. Citação do passado e abertura a outras culturas			
D. Novas formas de Teatro Musical			
E. Minimalismo			
F. Neo-Romantismo e <i>Avant-Garde</i>			
Em Portugal	8	13	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	3	3	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

<b>História da Cultura e das Artes</b>
<b>Componente de Formação Científica dos Cursos do Ensino Artístico Especializado de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro</b>

Anos de Escolaridade	Tronco Comum e Área do Teatro	Número de tempos lectivos de 90m	
		Parciais	Sub-totais
<b>10º ano</b>	Módulo inicial	4	4
	Módulo 1 - A Cultura da Ágora Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    9	    13
	Módulo 2 - A Cultura do Senado Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    2	    6
	Módulo 3 - A Cultura do Mosteiro Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    2	    6
	Módulo 4 - A Cultura da Catedral Tronco Comum Espaços, suportes, linguagens Obras, autorias e intérpretes Recepção	4    9	    13
	Avaliação de carácter sumativo	6	6
	Actividades fora da sala de aula	8	8
	<b>TOTAL</b>		<b>56</b>

<b>11º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 5 - A Cultura do Palácio		
	Tronco Comum	4	
	Espaços, suportes, linguagens		
	Obras, autorias e intérpretes		
	Recepção	9	13
	Módulo 6 - A Cultura do Palco		
	Tronco Comum	4	
	Espaços, suportes, linguagens		
	Obras, autorias e intérpretes		
Recepção	9	13	
Módulo 7 - A Cultura do Salão			
Tronco Comum	5		
Espaços, suportes, linguagens			
Obras, autorias e intérpretes			
Recepção	9	14	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	8	8	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

<b>12º ano</b>	Motivação e recapitulação	2	2
	Módulo 8 - A Cultura da Gare		
	Tronco Comum	5	
	Espaços, suportes, linguagens		
	Obras, autorias e intérpretes		
	Recepção	10	15
	Módulo 9 - A Cultura do Cinema		
	Tronco Comum	5	
	Espaços, suportes, linguagens		
	Obras, autorias e intérpretes		
Recepção	9	14	
Módulo 10 - A Cultura do Espaço Virtual			
Tronco Comum	5		
Espaços, suportes, linguagens			
Obras, autorias e intérpretes			
Recepção	7	12	
Avaliação de carácter sumativo	6	6	
Actividades fora da sala de aula	7	7	
	<b>TOTAL</b>	<b>56</b>	

#### 4. Sugestões metodológicas gerais

Como atrás foi referido, atendendo às características da disciplina e da filosofia que presidiu à elaboração do respectivo programa, considera-se imprescindível a vertente prática de contacto com as obras de arte e com a complexa realidade que as envolve. A consciência das limitações impostas a cada situação escolar desaconselhou a elaboração de indicações específicas nesta matéria, na consciência de que ela terá de ser gerida em boa parte em função das disponibilidades práticas da escola e da oferta disponível de região, sem prejuízo da recomendação geral da conveniência da contemplação, nesta matéria, dos locais ou situações de particular relevância no âmbito do programa da disciplina. O enunciado que segue foi, pois, organizado essencialmente por categorias.

a) Estações arqueológicas: ver e sentir o “sítio”; observar como se vivia, como se fazia, tanto ao nível das técnicas de construção, como decorativas e do espólio exumado. Trabalhar numa estação arqueológica, escavando, inventariando, estudando.

b) Museus: ver o museu como espaço de confrontos dos géneros e dos tempos num mesmo lugar. Os conceitos de museu. Trabalhar num museu: conservar, inventariar, estudar, gerir.

c) Oficinas de artistas: o contacto com a obra de arte “enquanto se faz” e já feita; o lado ideia / o lado técnico da produção artística. Ser artista.

d) Galerias de arte: contacto com a gestão das artes: o lado empresarial, mas também a empatia com os artistas (ou não), como se seleccionam as obras, se aposta num artista desconhecido, etc.

e) Monumentos: o monumento como documento do seu tempo; aspectos conceptuais e técnicos. Trabalhar num monumento: da gestão à pedagogia e ao inventário e estudo.

f) Espectáculos: assistir a espectáculos e a ensaios, de forma a facultar o acompanhamento do processo de criação e das fases de realização e de produção dos espectáculos, bem como contribuir para o conhecimento das práticas e linguagens artísticas e dos seus intérpretes.



g) Workshops: participar em *workshops*, orientados por criadores e/ou especialistas que focalizam a sua atenção no estudo de um património artístico específico com o objectivo de estimular a aprendizagem através do desenvolvimento de um trabalho prático, no qual o aluno está directamente envolvido.

Mas sabemos que o trabalho na sala de aula é igualmente fundamental, ocupando a maior parte dos tempos lectivos. Assim sendo, e tendo em conta que a planificação de um trabalho por competências tem uma lógica de ciclo de aprendizagem, propomos que sejam planificadas várias metodologias de trabalho, que permitam todas elas pesquisar, seleccionar, criticar e comunicar a informação autonomamente ou em grupo. Já vimos também que, no caso de História (da Cultura e das Artes, neste caso) há três referentes fundamentais: tempo, espaço e contexto histórico, sendo fundamental desenvolvê-los a partir de fontes (abundantemente sugeridas ao longo do programa e não apenas nos “Casos Práticos”, uma vez que todos os “Acontecimentos”, por exemplo, são sustentados com fontes escritas e por vezes mesmo iconográficas, passando-se o mesmo para praticamente todas as categorias analíticas do Tronco Comum).

Consideramos então que devemos diversificar experiências de aprendizagem, partindo de documentos simples mas eficazes. Ora tal como é a ler e a escrever que se desenvolvem as competências da leitura e da escrita, é observando e reflectindo que se aprende a interpretar a obra de arte, é trabalhando com cronologias e com mapas que se localizam no tempo e no espaço civilizações e acontecimentos. E sugerimos por exemplo trabalhar de forma activa e, preferencialmente colaborativa (a pares). Explicitando:

Dado que uma aula de 90 minutos propicia várias ocasiões de trabalho distintas, sugerimos que numa primeira fase o professor, em colaboração com os alunos, proceda à recapitulação das conclusões da aula anterior. Numa segunda fase, caberá fundamentalmente ao professor motivar os alunos para o tema a estudar. Essa motivação pode, neste caso particular, partir da análise de um dos Casos Práticos propostos ou, também, da Biografia ou até do Acontecimento ou do Local. Caberá ao professor seleccionar a categoria analítica que mais se adaptar ao seu trabalho, à sua personalidade, aos recursos existentes na escola. Ler e interpretar um texto, analisar uma imagem, ouvir uma obra musical são três alternativas entre muitas outras. Numa terceira fase, o aluno pode ser confrontado com uma actividade escrita, que poderá

eventualmente realizar em colaboração com o colega de carteira<sup>3</sup>. Essa actividade escrita pode implicar várias tarefas. Damos alguns exemplos:

- Analisar documentos com visões diferentes do mesmo momento histórico.
- Pesquisar informações em mapas e comentá-las.
- Resumir informação essencial contida em fontes escritas.
- Distinguir factos de causas ou de efeitos.
- Elaborar e/ou analisar organigramas.
- Justificar a inserção de uma obra artística em determinado contexto (cultural, político, económico, social).
- Analisar a forma, o conteúdo, o estilo e as técnicas de diferentes objectos artísticos.

É uma fase do trabalho que implica ou poderá implicar leitura e interpretação, mas também registo escrito no caderno ou na folha de registo da actividade escrita elaborada para aquele tema. O professor circulará entre os alunos, verificando as dificuldades e encaminhando-os para a melhor forma de resolver as tarefas. Posteriormente e ainda na mesma aula, deve proceder-se à quarta fase do trabalho: a apresentação e «discussão» das conclusões e juízos críticos, agora novamente muito mais orientada pelo professor. É com esta «discussão» que os alunos poderão trocar ideias mais alargadas, corrigir o que eventualmente fizeram mal, acrescentar outras opiniões, elaborar sínteses. Ao suscitar o diálogo, ao clarificar, rectificar e exemplificar, o professor poderá utilizar recursos diferentes dos utilizados na fase de motivação. Esta metodologia proposta, implementada por vários professores do Ensino Básico e Secundário, pode sofrer alterações e fomentar também ou sobretudo a reflexão individual. Não nos cabe aqui discutir as virtudes de uma ou de outra. Interessa sim reafirmar que as aulas de 90 minutos possibilitam utilizar recursos diversificados e, sobretudo, rentabilizá-los de forma a desenvolver as competências já enunciadas.

---

<sup>3</sup> Isto implica uma análise prévia muito cuidada por parte do professor sobre a melhor distribuição dos alunos na sala para que o trabalho não saia inviabilizado. Acreditamos que será melhor tentar nivelar grupos de duas pessoas com competências distintas.

Mas também consideramos que não se deve dispensar o trabalho de pesquisa, individual ou em grupo, fora da sala de aula, apresentado oralmente e por escrito, sujeito de auto e de hetero-avaliação. Implica ser capaz de reconhecer as etapas de um trabalho de pesquisa, mas também de proceder a tarefas práticas na biblioteca ou no centro de recursos, caso exista. E neste sentido sugerimos também a elaboração de relatórios (que sistematizarão os conteúdos e permitirão a organização do pensamento) e de *portfólios* temáticos, construídos pelos alunos a partir das orientações do professor, que lhes permitirão recolher informações várias, trabalhá-las e utilizá-las em proveito próprio.

## 5. Recursos

Esta é uma disciplina que, devido às suas características necessita de múltiplos recursos disponíveis na escola. Muitos já existirão, outros terão de ser adquiridos para conseguir planificar actividades diversificadas, actualizadas e adequadas:

- Biblioteca onde figurem as obras referidas no programa, mas também enciclopédias, atlas, histórias gerais, histórias de arte e dicionários específicos.

- Sala com suportes informáticos disponíveis, ligados em rede e com acesso à Internet, que possibilitem a realização de algumas actividades por todos os alunos da turma. Há actualmente vários sites que disponibilizam imagens muito significativas de “Casos Práticos”, “Espaços” e “Locais” referidos no programa, mas também de outros seus contemporâneos que podem ser analisados comparativamente ou mesmo em alternativa.

- Videoprojector (ou Datashow). Este é um recurso fundamental uma vez que há versões de obras musicais em DVD que são as indicadas, que há CD-ROMs com viagens virtuais a determinados locais e que facilita o trabalho do professor poder projectar imagens recolhidas e “trabalhadas” na preparação das actividades lectivas.

- Discografia essencial referida nos “Casos Práticos” (ou outra que os professores considerem relevante) e instalação áudio.

- Mapas murais, cartazes, diapositivos, acetatos, vídeo-gravações e respectivo equipamento de projecção, são outros recursos disponíveis normalmente em todas as escolas. Continua a ser importante a sua variedade e acessibilidade.

- Por último, e tendo em conta que consideramos as saídas do espaço da escola e o contacto com obras, locais e espaços de trabalho fundamentais, esta é uma disciplina para a qual devia ser canalizada determinada verba a utilizar nos transportes e ingressos. O orçamento da escola deve por isso prever um reforço nesse sentido.

## **6. Avaliação**

A revisão curricular dos Ensinos Básico e Secundário passou mais uma vez por uma clarificação daquilo que deve ser a avaliação. No artigo 13º do Decreto-Lei 6/2001 reforça-se de novo a inter relação entre as principais modalidades de avaliação (a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa). No Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março, bem como nas Portarias n.º 550-B/2004 e 550-D/2004, de 21 de Maio<sup>4</sup>, essas modalidades aparecem assim definidas: “a avaliação formativa é contínua e sistemática e tem função diagnóstica” e a avaliação sumativa que inclui a avaliação sumativa interna e avaliação sumativa externa.

A avaliação de diagnóstico reorienta o trabalho do professor na planificação das actividades lectivas mais convenientes à resolução dos problemas identificados. Deve recorrer-se a ela não apenas no início do ano lectivo, mas sempre que se verificar necessário ajustar as práticas lectivas às necessidades. Sintomático da importância que lhe conferimos, bem como à recapitulação, foi o facto de se considerar a criação de um módulo inicial no 10º ano e na gestão da carga horária, a atribuição de dois tempos lectivos de 90 minutos, no início do segundo ano (cursos científico-humanísticos) e do segundo e terceiro anos lectivos (cursos artísticos especializados) em que esta disciplina é leccionada, para efeitos de motivação e avaliação diagnóstica.

A avaliação sumativa (interna e externa) traduz-se em resultados quantificados no final de um ciclo ou de uma etapa do ano lectivo. Esta modalidade de avaliação deve ter em conta “a aferição de conhecimentos, competências e capacidades dos alunos e a verificação do grau de cumprimento dos objectivos globalmente fixados para o nível secundário de educação, bem como para os cursos e disciplinas nele integrados” (art. 10º do Decreto-Lei n.º 74/2004) ou seja, deve traduzir-se numa síntese das

---

<sup>4</sup> A Portaria n.º 550-B/2004 de 21 de Maio “estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação e certificação das aprendizagens” dos cursos artísticos de nível secundário. Por sua vez, a Portaria n.º 550-D/2004, igualmente de 21 de Maio, estabelece os mesmos princípios para os cursos científico-humanísticos do mesmo nível de ensino.

aprendizagens realizadas que permita emitir um juízo global sobre conhecimentos, competências e capacidades desenvolvidas.

A avaliação formativa reveste particular importância. Deve partir da avaliação de diagnóstico e deve contribuir para desenvolver as competências consideradas essenciais e, por esse facto, é fundamental que seja contínua, sistemática e diversificada, utilizando critérios previamente explicitados aos alunos e, preferencialmente, acordados entre todos os professores. Assim, é importante que se fundamente num número diversificado de instrumentos de avaliação (fichas de observação, listas de verificação, relatórios de actividades, testes orais e escritos...), para não testar sempre o mesmo género actividades e objectivos. Só deste modo pode servir para reforçar a capacidade crítica, a autonomia e a responsabilidade. Sempre que se avalia o *processo* ou seja, a evolução do aluno, está a clarificar-se o resultado final obtido, logo torna-se um elemento orientador para alunos e professores, verdadeiro regulador da aprendizagem.

Qualquer modalidade de avaliação deve estar de acordo com o trabalho desenvolvido (mesmo as sumativas interna e externa), deve avaliar-se a aquisição de competências “trabalhadas” nas aulas, correspondendo aos objectivos de cada disciplina, à forma como os conteúdos foram analisados. Não pode por isso restringir-se aos conhecimentos, mas contemplar várias capacidades. É sabido que subsistirão sempre alguns problemas, nomeadamente os que dizem respeito à avaliação de um trabalho de grupo por exemplo, ou à definição dos próprios critérios de avaliação, à clarificação do que se pretende, ao grau de subjectividade inerente à correcção de um trabalho. Por isso mesmo é que a avaliação contínua e diversificada é tão importante, tal como é fundamental todo o trabalho de auto-regulação da aprendizagem que permite controlar as fontes de erro pessoais (do avaliador e do avaliado) e materiais (do ambiente e do próprio instrumento de avaliação utilizado). Mas se os alunos treinarem constantemente os desempenhos pretendidos na aula, se organizarem regularmente a informação essencial, se a sistematizarem em relatórios ou em *portfólios* temáticos e se auto-avaliarem constantemente o seu trabalho (como já referido nas sugestões metodológicas), poderão desenvolver mais facilmente as competências essenciais, mobilizar conhecimentos, compreender como rectificar o que está menos bem.

## IIIª PARTE

### Desenvolvimento do Programa de História da Cultura e das Artes

Disciplina da Componente de Formação Específica dos Cursos Científico-Humanísticos de Artes Visuais e de Línguas e Literaturas  
11º e 12º anos

(Disciplina da Componente de Formação Científica dos Cursos Artísticos Especializados de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro  
10º, 11º e 12º anos

### Módulo Inicial, Tronco Comum e Área Artística de Artes Visuais

<b>Módulo Inicial – Criatividade e Rupturas</b>	
<b>Indicadores de História da Cultura e das Artes</b>	<b>Conteúdos/Narrativa</b>
<p>1 a 6. <u>Casos práticos a analisar</u> (recordamos o que foi dito na Visão Geral dos Temas/Conteúdos, em que foi fundamentada a opção destes casos práticos).</p>	<p>1. <i>Three Tales</i>, Steve Reich (Música). Beryl Korot (Vídeo). Nonesuch Records. Warner Group Company. 3º conto: <i>Dolly</i>. Versão DVD</p> <p>2. <i>Lichtung II</i>, Emmanuel Nunes. Ensemble Intercontemporain. Direcção Jonathan Nott. Ircam.</p> <p>3. <i>Estádio Municipal de Braga</i>, Souto Moura.</p> <p>4. <i>The Barn</i>, Paula Rego, 1994. Colecção Joe Berardo.</p> <p>5. <i>Sente-me, Ouve-me, Vê-me</i>, série de trabalhos de Helena Almeida. Existe também DVD com vídeos <i>Ouve-me</i> e Estudo para o trabalho <i>Seduzir</i>.</p> <p>6. La Fura dels Baus. Ver <i>D. Quixote</i> na página on-line <a href="http://www.lafura.com">www.lafura.com</a></p>

<p>7. <u>Síntese 1</u></p>	<p>7. História da Cultura e das Artes . As artes enquanto cultura. . A criação artística. Problemáticas: - criatividade e imaginação - utilidade e fruição - divulgação e consumo - conservação e ruptura</p>
<p>8. <u>Síntese 2</u></p>	<p>8. As linguagens das artes  - As Artes Visuais As origens da arte: o útil e o belo A arte enquanto discurso As disciplinas artísticas As técnicas artísticas O vocabulário artístico O mito da originalidade: o artista e a criação  - A Dança As diferentes formas, significados e funções da dança. O evento da dança enquanto performance ritual, social e teatral. A dança enquanto forma de cultura expressiva.</p>



	<p>- A Música  Música enquanto arte de organizar os sons (melodia, ritmo, harmonia, timbre, textura, dinâmica, forma).  Música enquanto arte performativa.  Música enquanto expressão cultural.</p> <p>- O Teatro  A intervenção de diversas linguagens  . o corpo: a fala, o gesto, o movimento  . o disfarce: o guarda-roupa, a caracterização  . o espaço representado  . cenários, maquinarias, efeitos cénicos</p>
Tempos lectivos previstos: 4	

<p><b>Sugestões de actividades</b></p> <p>Aconselha-se uma saída da escola o mais cedo possível para visitar uma exposição (seria útil optar por observar obras de diferentes épocas), visitar uma oficina de artista ou assistir a um espectáculo.</p>
---

<b>Módulo 1 – A Cultura da Ágora</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p> <p>6. <u>Síntese</u><sup>1</sup></p>	<p><b>O homem da democracia de Atenas</b></p> <p>1. Século V a.C. O século de Péricles.</p> <p>2. Atenas. A <i>polis</i>. Um olhar sobre a planta de Atenas. O mar e o porto.</p> <p>3. O Grego Péricles (c. 500-429 a.C.). O que se sabe da sua vida? Democracia e representação. Péricles e a consolidação da democracia.</p> <p>4. A Ágora. Um espaço público da cidade. Os homens da Ágora. Conversar: do comércio e fazer político à razão.</p> <p>5. A Batalha de Salamina (480 a.C.). Os exércitos em presença. Porque se chegou à batalha? As políticas imperialistas. O significado da batalha.</p> <p>6. A Mitologia: deuses e heróis.</p>	<p>10. A arquitectura grega</p>	<p><b>Em busca da harmonia e da proporção.</b> O Parthenon e o templo de Athena Niké e as ordens arquitectónicas como sistema racional de construção.</p> <p>A herança pré-helénica (do Neolítico às civilizações pré-clássicas): das primeiras técnicas de construção à capacidade de projectar no espaço e representar conceitos. As origens da arquitectura grega. O nascimento das ordens e a busca da harmonia e da proporção. Arte e ciência. O século IV e o novo sentido ornamentista. Do Império de Alexandre à arquitectura das cortes helenísticas: retórica e monumentalidade</p> <p>A Acrópole como síntese da arquitectura grega. Principais edifícios e núcleos arquitectónicos. A casa grega. A Grécia, berço do urbanismo ocidental.</p>

<p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>A configuração de Homero. Os deuses e o Olimpo. Os heróis, homens com poderes de deuses.</p> <p>7. A organização do pensamento. O mito, os sentimentos, as virtudes e a razão. Lógica racional e antropologia. A “razão” para Aristóteles e Platão.</p> <p>8. Os templos de <i>Parthenon</i> e <i>Athena Niké</i>. Descrição do <i>Parthenon</i> e do templo de <i>Athena Niké</i>. As normas das ordens. A arquitectura e as ordens.</p> <p>9. O diálogo entre o coro (<i>kommos</i>, lamentação) e Xerxes depois da fala da Rainha nos <i>Persas</i> de Ésquilo (525-456 a.C.). O estádio e o teatro. A tragédia e a comédia. Conteúdos e técnicas nos <i>Persas</i> de Ésquilo.</p>	<p>11. A escultura grega</p> <p>12. A cerâmica e a pintura</p>	<p><b>O Homem em todas as suas dimensões.</b> O friso do Parthenon (<i>A Procissão das Panateneias</i>) como expoente do ideal plástico da 1ª idade clássica. A herança pré-helénica e a escultura arcaica. Do <i>estilo severo</i> aos primeiros clássicos. Da 2ª idade clássica à escultura helenística.</p> <p><b>Uma arte menor? A cerâmica, arquivo de imagens da civilização grega.</b> Do <i>estilo geométrico</i> à emergência da representação humana. A cerâmica de figuras negras e a de figuras vermelhas. A decadência da cerâmica. A divulgação da pintura a fresco e o refinamento da vida doméstica.</p>
<p>Tempos lectivos previstos: 4</p>	<p>Tempos lectivos previstos *: 8</p>		

\*Nota: os tempos lectivos aqui referidos são os que correspondem à leccionação da disciplina em dois anos (11º e 12º anos).

<b>Módulo 2 – A Cultura do Senado</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p> <p>6. <u>Síntese</u><sup>1</sup></p>	<p><b>A lei e a ordem do Império</b></p> <p>1. Século I a.C. / d.C. O século de Augusto.</p> <p>2. Roma. A planta da <i>urbs</i>. Ruas, praças, templos, casas, banhos, o Coliseu. O modelo urbano no Império.</p> <p>3. O romano Octávio. Octávio, uma dinastia que chega ao poder. Ser romano e imperador. As realizações de Octávio.</p> <p>4. O Senado. A lei, da República ao Império. Os senadores e o <i>cursus honorum</i>. A retórica.</p> <p>5. O Incêndio de Roma (64) por Nero (54-68). Porquê incendiar Roma? Nero, o herói do incêndio.</p> <p>6. A língua latina.</p>	<p>10. A Arquitectura romana</p> <p>11. A escultura romana</p>	<p><b>Entre o belo e o útil.</b> A Coluna de Trajano como símbolo do sentido monumental e comemorativo da arquitectura romana. A síntese romana dos patrimónios arquitectónicos etrusco e grego. Carácter da arquitectura romana: a utilidade e a grandiosidade. Os avanços tecnológicos. A utilização retórica da matriz helénica. Arquitectura e obras públicas.</p> <p>O Forum como síntese da arquitectura e da civilização romana. Principais edifícios e núcleos arquitectónicos. As variantes da casa romana. O urbanismo como materialização do <i>Imperium</i>.</p> <p><b>O Homem enquanto indivíduo.</b> O friso da Coluna de Trajano (<i>As campanhas da Dácia</i>) como expoente do sentido comemorativo da escultura romana. A herança</p>

<p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>A construção do latim. O latim de Cícero. O latim do <i>limes</i>.</p> <p>7. O ócio. Os tempos do lúdico. Os jogos do Circo. A preocupação com as artes.</p> <p>8. A Coluna de Trajano (98-117). A função comemorativa das colunas. A narrativa da Coluna de Trajano. Uma linguagem escultórica.</p> <p>9. Frescos de Pompeia (79). O cataclismo de Pompeia. Habitações com cor e imaginação decorativas. Os conteúdos dos frescos.</p>	<p>12. A pintura e o mosaico</p>	<p>etrusca. Carácter da escultura romana: individualismo, realismo e idealização. O retrato como género.</p> <p><b>A vida enquanto forma de arte.</b> Os Frescos de Pompeia como documento do cultivo do luxo na vida doméstica. A construção da ilusão arquitectónica. Primeiros ensaios da representação perspectivada do espaço.</p> <p>A arte do mosaico.</p>
<p>Tempos lectivos previstos: 4</p>		<p>Tempos lectivos previstos: 6</p>	

<b>Módulo 3 – A Cultura do Mosteiro</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p>	<p><b>Os espaços de cristianismo</b></p> <p>1. Séculos IX-XII. Da reorganização cristã da Europa ao crescimento e afirmação urbanos.</p> <p>2. A Europa dos Reinos Cristãos. <i>A Christianitas</i>. As fronteiras dos reinos cristãos. Geografia monástica da Europa.</p> <p>3. O cristão São Bernardo (1090-1153). O que se sabe da vida de São Bernardo. Um monge no mosteiro. O cristianismo monástico.</p> <p>4. O mosteiro. Uma vida própria com domínio do tempo e do espaço. A auto-suficiência monástica. O campo e as letras.</p> <p>5. A coroação de Carlos Magno (800). O imperador do Ocidente Carlos Magno. Vida e feitos de Carlos Magno. O modelo de imperador cristão.</p>	<p>10. A arquitectura românica</p> <p>11. A escultura românica</p>	<p><b>Deus, fortaleza da Humanidade.</b> O mosteiro cluniacense de S. Pedro de Rates como símbolo da ruralização e feudalização da Europa românica e da sua característica diversidade regional. Dos primórdios da arquitectura cristã à arquitectura bizantina: a importância da matriz antiga. Os renascimentos carolíngio e ottoniano.</p> <p>A viragem do milénio, as novas rotas de peregrinação e a afirmação das ordens monásticas. A hegemonia da arquitectura religiosa. Formas de vida: o castelo e o mosteiro. Da recuperação das técnicas antigas à crescente complexidade dos sistemas construtivos. Os grandes centros difusores. Unidade e diversidade do românico. O românico em Portugal.</p> <p><b>Os poderes da imagem.</b> O portal de S. Pedro de Rates como expoente do carácter da escultura românica. Os primórdios da escultura medieval: da arte paleocristã à arte dos invasores.</p>

<p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>6. Os guardiães do saber. As heranças greco-latina e muçulmana. Cristianizar as heranças. A posse e o poder do saber.</p> <p>7. O poder da escrita. <i>Scriptorium</i>, livraria e chancelarias. As palavras que se transformam em letras e frases. A iluminura: outra forma de escrita.</p> <p>8. Canto Gregoriano: da missa um <i>Gradual</i> e um <i>Kyrie</i>; da liturgia das horas, uma <i>Antífona</i> com versículo salmódico. Cantar a horas certas. O canto e a liturgia. Um canto a uma só voz.</p> <p>9. São Pedro de Rates. A arquitectura. Simplicidade, rudeza e mensagem. São Pedro de Rates na <i>Christianitas</i>.</p>	<p>12. As artes da cor: pintura, mosaico, iluminura</p> <p>13. A Europa sob o signo de Alá</p>	<p>Bizâncio e a ourivesaria carolíngia. A estrita dependência arquitectónica da escultura românica. O portal e o claustro como roteiros de ascese.</p> <p><b>O refúgio do esplendor.</b> O papel da cor no templo românico. Dos primórdios da pintura cristã à arte paleocristã e ao triunfo do mosaico parietal. Carácter e evolução do mosaico bizantino.</p> <p>A sacralidade do códice. Da iluminura carolíngia às oficinas monásticas. Da iluminura pré-românica à iluminura românica.</p> <p><b>Um Deus conquistador.</b> A arte muçulmana em território europeu. A Península Ibérica e a Sicília. O Islão, ponte entre a Antiguidade e o Ocidente. A arquitectura áulica e religiosa e a decoração arquitectónica. A arquitectura militar. As artes ornamentais. A arte moçárabe.</p>
Tempos lectivos previstos: 4		Tempos lectivos previstos: 10	

<b>Módulo 4 – A Cultura da Catedral</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p>	<p><b>As cidades e Deus</b></p> <p>1. Século XII – 1ª metade século XV. Do renascimento do século XII a meados de quatrocentos.</p> <p>2. A Europa das Cidades. As grandes cidades da Europa. As cidades-porto. A Europa das catedrais e Universidades.</p> <p>3. O letrado Dante Alighieri (1265-1321). Dante, um homem da cidade e das letras. A escrita da <i>Divina Comédia</i>. As novas propostas.</p> <p>4. A Catedral. Bispos e catedrais. A representação do divino no espaço. A catequese: imaginária e vitral.</p> <p>5. A Peste Negra (1348). A pandemia europeia. Descrição e geografia da Peste Negra. A utilização da Peste Negra: medos, punições e ameaças.</p>	<p>10. A arquitectura gótica</p> <p>11. A escultura gótica</p> <p>12. A Itália e a Flandres</p>	<p><b>Em louvor de Deus e dos homens.</b> A Catedral de Amiens como expoente da arquitectura gótica e símbolo da cidade enquanto motor da civilização europeia. <i>Deus é luz</i>: o nascimento do gótico. A revolução da arte de construir. Expansão do gótico no espaço europeu. O vitral como materialização da transcendência. O gótico em Portugal. O <i>manuelino</i>, entre a Idade Média e o <i>tempo novo</i>.</p> <p><b>A humanização do Céu.</b> O portal da Catedral de Amiens como expoente da escultura gótica. A rápida conquista da autonomia da escultura em relação à arquitectura. A renovação iconográfica e a procura do realismo e do naturalismo. Um novo tema: a escultura funerária. O século XV e o culto do expressionismo.</p> <p><b>Gótico e Humanismo.</b> A Itália como centro de novas pesquisas. O carácter essencialmente ornamental da arquitectura gótica italiana e a sua fidelidade à espacialidade românica. Os escultores pisanos e a recuperação da</p>



<p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>6. A cidade. O complexo urbano: espaço, população, subsistência. A fixação dos poderes, dos ofícios e dos artesãos. A cidade com os campos.</p> <p>7. A cultura cortesã. O torneio e o sarau. Gentilezas cortesãs e civilidade. As artes cortesãs: do teatro à dança.</p> <p>8. A Catedral de <i>Notre-Dame de Amiens</i> (1220-1280). As catedrais francesas. A catedral de Amiens. Os modelos e a Europa.</p> <p>9. Nicolau Lanckman de Valckenstein, Casamento de Frederico III com D. Leonor de Portugal (festas de 13 a 24 de Outubro de 1451). Descrever uma festa na cidade. O casamento: representações e públicos. As artes: da liturgia às ruas.</p>	<p>13. O gótico cortesão</p> <p>14. Ainda sob o signo de Alá</p>	<p>tradição antiga. A procura da simplificação e da monumentalidade na pintura.</p> <p>A revolução pictórica flamenga. As novas técnicas. O <i>particularismo nórdico</i>.</p> <p><b>O luxo ao serviço do Homem.</b> As cortes principescas como centros de irradiação cultural e estética. O castelo como centro da vida política e social. O mecenato e a cultura cortesã. A iluminura gótica.</p> <p><b>A materialização do paraíso.</b> A arte dos reinos muçulmanos na Península Ibérica como expoente da civilização islâmica. Dos reinos taifas ao Reino de Granada: da sobriedade das dinastias africanas ao esplendor da arte nasride. O refinamento da arte cortesã. A arte mudejar.</p>
Tempos lectivos previstos: 4		Tempos lectivos previstos: 8	

<b>Módulo 5 – A Cultura do Palácio</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p>	<p><b>Homens novos, espaços novos, uma memória clássica</b></p> <p>1. 1ª metade século XV – 1618. De meados de quatrocentos ao início da Guerra dos Trinta Anos.</p> <p>2. A Europa das rotas comerciais. As rotas comerciais, das ideias e dos objectos de cultura. Do Mediterrâneo ao Báltico. O Oriente e o Atlântico.</p> <p>3. O mecenas Lourenço de Médicis (1449-1492). A família Médicis e Florença. Perfil de interesses de Lourenço, o Magnífico. Um Príncipe, um mecenas.</p> <p>4. O palácio. O palácio, habitação de elites. Das arquitecturas exteriores ao interior dos palácios. As artes no palácio.</p> <p>5. O <i>Revolutionibus orbium coelestium</i> (1543), de Nicolau Copérnico (1473-1543).</p>	<p>10. A pintura renascentista</p> <p>11. A arquitectura renascentista</p>	<p><b>O Homem, unidade de medida.</b> A <i>Anunciação</i> de Leonardo da Vinci como expoente da pesquisa renascentista sobre a representação das figuras no espaço. A pintura renascentista enquanto exercício intelectual. A pesquisa em torno da representação da perspectiva. Os primórdios da pintura renascentista. A expansão do movimento. Os novos temas: o retrato; o nu; a paisagem.</p> <p>Leonardo da Vinci como expoente da maturidade da pintura renascentista. A captação da dimensão psicológica das personagens: <i>pittura e cosa mentale</i>. Monumentalidade e subtileza. A pintura na viragem do século XVI: Rafael e a escola veneziana.</p> <p><b>A arquitectura como metáfora do universo.</b> A arqueologia e o coleccionismo. As pesquisas de Brunelleschi sobre as regras da composição arquitectónica. A criação</p>

<p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>1543). Uma “revolução” diferente com o Sol no centro. Um tratado e a sua história e divulgação. O heliocentrismo.</p> <p>6. O Humanismo e a imprensa. A Antiguidade e a Sagrada Escritura. Os humanistas. O livre-exame.</p> <p>7. Reformas e espiritualidade. A <i>devotio moderna</i> e Erasmo. O “caso Lutero”. Trento e a Reforma Católica.</p> <p>8. A <i>Anunciação</i> (1475-1578) de Leonardo da Vinci (1452-1519). O pintor Leonardo da Vinci. As novas técnicas e “regras” da pintura. A “Anunciação” sob perspectiva.</p> <p>9. Fala do Licenciado e diálogo de Todo-o-Mundo e Ninguém. <i>Lusitânia</i> (1532), de Gil Vicente (c. 1465-1536?) (<i>Compilaçam</i>, versos 390 a 460 e 797 a 866). Fazer teatro na Corte. Uma farsa e uma comédia. Todo-o-Mundo, Ninguém e as outras personagens.</p>	<p>12. A escultura renascentista</p>	<p>composição arquitectónica. A criação de uma arquitectura <i>à antiga</i>. Leon Battista Alberti e a emergência da tratadística.</p> <p>A difusão da arquitectura renascentista: da severidade florentina à arquitectura ornamental. Bramante e Miguel Ângelo: os criadores da arquitectura do Alto Renascimento.</p> <p><b>Entre o gótico e o retorno ao antigo.</b> A lenta emergência da escultura renascentista. A redescoberta dos velhos géneros: o relevo; o retrato; a estátua equestre. A completa autonomização da escultura. Da representação da perspectiva à composição geométrica. A monumentalidade como objecto.</p> <p>Os grandes criadores do movimento: a progressiva intelectualização da escultura renascentista. Miguel Ângelo e a exacerbação da pesquisa anatómica.</p>
---	---	--------------------------------------	---

		<p>13. O(s) Maneirismo(s)</p> <p>14. A Europa entre Renascimento e Maneirismo</p>	<p><b>Da regra à transgressão.</b> O século XVI: crise de valores e individualismo. A arte de Rafael e Miguel Ângelo e a emergência dos primeiros sinais de tensão. O anti-classicismo e a subjectividade como objecto. Pintura, arquitectura e escultura.</p> <p><b>A Europa renascentista ou Europa maneirista?</b> A resistência gótica e a lenta difusão da matriz italianizante no continente europeu. A França, os Países Nórdicos e a Península Ibérica. Renascimento e Maneirismo em Portugal. O Maneirismo: primeiro movimento estético pluricontinental.</p>
Tempos lectivos previstos: 4		Tempos lectivos previstos: 12	

<b>Módulo 6 – A Cultura do Palco</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. Biografia</p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p>	<p><b>Muitos palcos, um espectáculo</b></p> <p>1. 1618-1714. Do início da Guerra dos Trinta Anos ao final do reinado de Luís XIV.</p> <p>2. A Europa da Corte. A Corte nos palácios das cidades. A Corte junto às cidades. O modelo Versailles.</p> <p>3. O Rei Sol Luís XIV (1638-1643-1714). O Rei da afirmação do poder autocrático. Luís XIV e o investimento na Corte de Versailles. Um Rei, um cerimonial, uma França hegemónica na Europa.</p> <p>4. O palco. Os palcos: a Corte, a Igreja, a Academia. O palco do teatro e da ópera. O palco local de espectáculos efémeros.</p> <p>5. O Tratado de Utrecht (1713). A finalização das guerras. Um congresso de embaixadores e um tratado de paz. A nova geografia da Europa.</p>	<p>10. A arquitectura barroca</p> <p>11. A escultura barroca</p>	<p><b>Arte e retórica.</b> O Real Edifício de Mafra como expoente da eficácia da arquitectura barroca na materialização de uma ideia de poder. O sentido do Barroco: um gosto, mais que um estilo. Razão e emoção; gravidade e majestade. A sedução dos sentidos e a teatralidade. O poder da matéria. O conceito de <i>obra de arte total</i>.</p> <p>As origens do movimento: <i>Roma Triunphans</i>. Os criadores do Barroco. A Itália barroca.</p> <p><b>Sob o signo do pathos.</b> A criação da escultura barroca. O papel de Bernini: dinamismo e abertura da composição; a exacerbação do expressionismo.</p>

<p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>6. A mística e os cerimoniais. Santos e pregadores. Religião e cerimonial religioso. Rituais e práticas sociais.</p> <p>7. A Revolução científica. A razão e a ciência. O método. A experimentação.</p> <p>8. La cérémonie Turque. <i>Le Bourgeois Gentilhomme</i> (1670) de Molière (1622-1673) e de Lully (1632-1687). A fusão das artes: teatro, música e dança. O teatro com Molière. O espectáculo do teatro no teatro.</p> <p>9. O Real Edifício de Mafra (1717-1730/1737). A arquitectura do Real Edifício: uma obra de arte total pela mão do Rei.</p>	<p>12. A pintura barroca</p> <p>13. O caso francês</p> <p>14. Da Europa para o mundo</p>	<p><b>A luz, personagem central da pintura barroca.</b> Caravaggio e os “caravaggistas”. A pintura de tectos.</p> <p><b>A oposição Barroco-Classicismo na França do Rei-Sol, mito ou realidade?</b> A glorificação pela razão. O papel das academias. Arquitectura e escultura. A pintura, refúgio do Barroco.</p> <p><b>Barroco ou barrocos?</b> A difusão do movimento no continente europeu e sua expansão nos domínios portugueses e espanhóis. O Barroco na Europa Central e nos Países Nórdicos. Os pintores flamengos e holandeses. O Barroco em Portugal e Espanha. Aculturação e miscigenação: o Brasil.</p>
<p>Tempos lectivos previstos: 4</p>	<p>Tempos lectivos previstos: 9</p>		

<b>Módulo 7 – A Cultura do Salão</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u> A Europa da Revolução</p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p>	<p><b>Das «revoluções» à Revolução.</b></p> <p>1. 1714-1815. Da morte de Luís XIV à batalha de Waterloo.</p> <p>2. Da Europa das monarquias à Europa da Revolução.</p> <p>3. O filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). O filósofo enquanto pensador e influenciador. Repercussões políticas e educativas da sua obra.</p> <p>4. O Salão. Novo espaço de conforto e intimidade. O seu contributo para a divulgação das “línguas vivas”, do pensamento e da acção. O papel dinamizador da mulher culta.</p>	<p>10. A estética do Iluminismo</p> <p>11. A intimidade galante</p> <p>12. Da Europa para o mundo</p>	<p><b>Entre o humor e a razão.</b> O projecto de Eugénio dos Santos para a Reconstrução da Baixa de Lisboa como expoente do racionalismo iluminista. A paulatina desestruturação do universo barroco. O papel erosivo da decoração Rococó: tolerância, liberdade, irreverência e intimidade.</p> <p><b>O sentido da festa.</b> O Rococó, uma estética de interior. O regresso à natureza e a emergência da decoração <i>rocaille</i>. O papel pioneiro de França e das artes ornamentais. A expansão do Rococó: arquitectura, escultura e pintura.</p> <p><b>Rococó ou Barroco em novas vestes?</b> A dialéctica Barroco/Rococó em Portugal e Espanha. O Rococó americano: o caso do Brasil.</p>

<p>5. <u>Acontecimento</u></p> <p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. 1º <u>Caso prático a analisar</u></p> <p>9. 2º <u>Caso prático a analisar</u></p>	<p>5. <i>A Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão</i> (1789). O tempo novo e os novos valores: “liberdade”, “igualdade”, “fraternidade”.</p> <p>6. As Luzes. As rupturas culturais e científicas: “ousar saber” e “ousar servir-se do seu intelecto”.</p> <p>7. Da festa galante à festa cívica. A revolução da sensibilidade. O conforto e o prazer. A participação popular.</p> <p>8. W. A. Mozart (1756-1791), <i>Le nozze di Figaro</i> (1786) – <i>finale</i> (c. 15m) (versão em DVD). A materialização da ideia de igualdade social, antecipando a Revolução Francesa.</p> <p>9. O urbanismo da Baixa Pombalina (1758-...) – Planta de Eugénio dos Santos para a reconstrução de Lisboa. O racionalismo iluminista na organização do espaço urbano.</p>	<p>13. O regresso à ordem</p>	<p><b>Um mundo novo.</b> O Neoclassicismo como expressão do triunfo das concepções iluministas. Arte e revolução. A Antiguidade como objecto. Da França para o mundo: arquitectura, escultura e pintura. O Neoclassicismo em Portugal.</p>
<p>Tempos lectivos previstos: 5</p>		<p>Tempos lectivos previstos: 6</p>	



<b>Módulo 8 – A Cultura da Gare</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
1. <u>Tempo</u>	<p><b>A velocidade impõe-se.</b></p> <p>1. 1814-1905. Da batalha de Waterloo à Exposição dos <i>Fauves</i>.</p> <p>2. A Europa das Linhas Férreas. Domínio das linhas férreas e as indústrias.</p> <p>3. O engenheiro Gustave Eiffel (1832-1923). A ruptura do ferro.</p> <p>4. A Gare. Espaço de confluência e de divulgação.</p> <p>5. A 1ª Exposição Universal (Londres, 1851). A apologia da máquina, do ferro e das novas tecnologias. O recuo dos saberes tradicionais.</p> <p>6. O indivíduo e a natureza.</p>	10. O Romantismo	<p><b>O passado enquanto refúgio.</b> O Palácio da Pena em Sintra como expoente da arquitectura romântica. A sedução da Idade Média. Do restauro à reinvenção: a arquitectura revivalista.</p> <p><b>O triunfo da emoção.</b> Da exaltação do <i>eu</i> à <i>arte pela arte</i>. A pintura como expoente dos valores românticos. As pátrias do romantismo: França, Alemanha e Inglaterra. A pintura romântica em Portugal.</p> <p><b>Um novo olhar sobre o real.</b> O fascínio da fotografia. Da <i>vida</i> como tema (<i>fazer verdadeiro</i>), à captação das sensações ópticas. Paris, capital da arte. Da pintura realista à pintura impressionista. Para além do Impressionismo: o Neoimpressionismo (divisionismo) e o Post-Impressionismo.</p>
2. <u>Espaço</u>		11. A pintura romântica	
3. <u>Biografia</u>		12. O Realismo e o Impressionismo	
4. <u>Local</u>			
5. <u>Acontecimento</u>			
6. <u>Síntese 1</u>			

<p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. 1º <u>Caso prático a analisar</u></p> <p>9. 2º <u>Caso prático a analisar.</u></p>	<p>A natureza como refúgio.</p> <p>7. Nações e utopias. As utopias e as críticas sociais e políticas.</p> <p>8. Palácio da Pena, Sintra (1838-1868/1885). A arquitectura romântica e a sedução da Idade Média. Do restauro à reinvenção.</p> <p>9. Fotografia de Lewis Hine (1874-1940), <i>Italian family on ferry boat leaving Ellis Island</i> (1905). A captação do efémero.</p>	<p>13. A arte ao redor de 1900</p>	<p>A escultura: Auguste Rodin. A pintura e a escultura em Portugal no século XIX.</p> <p><b>Mundo novo, formas novas.</b> A ruptura com o passado: a arquitectura do ferro e a Arte Nova. Arquitectura do ferro e Arte Nova em Portugal.</p>
<p>Tempos lectivos previstos: 5</p>		<p>Tempos lectivos previstos: 9</p>	

<b>Módulo 9 – A Cultura do Cinema</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p>	<p><b>A euforia das invenções.</b></p> <p>1. 1905-1960. Da Exposição dos <i>Fauves</i> à viragem dos anos 60.</p> <p>2. Da Europa para a América. A intensificação do diálogo entre a Europa e a América do Norte. Influências mútuas, culturais e científicas.</p> <p>3. O <i>Charlot</i> (1917-1934) de Charles Spencer Chaplin (1889-1977). Charlot – ícone do cinema: o vagabundo, a felicidade e a crítica social. A superioridade da mímica sobre a palavra.</p> <p>4. O cinema. O triunfo do sonho e do mito. Uma nova linguagem.</p> <p>5. A descoberta da penicilina de Alexander Fleming (1928). O recuo da morte. Mais tempo com</p>	<p>10. As grandes rupturas</p>	<p><b>Criar é provocar.</b> A <i>Guernica</i> de Pablo Picasso como expoente da arte assumida como denúncia política. Entre guerras: da <i>arte degenerada</i> à arte oficial dos regimes totalitários.</p> <p>Sob o signo da provocação: Fauvismo, Expressionismo e Dadaísmo.</p> <p>Os caminhos da abstracção formal: Cubismo e Futurismo e movimentos subsequentes.</p> <p>A nova complexidade material. A arte abstracta como arte democrática: arte informal, abstracção geométrica e expressionismo abstracto. A pulverização dos caminhos artísticos: Europa e Estados Unidos.</p> <p>O regresso ao <i>mundo visível</i>: realismo figurativo, realismo crítico, <i>assemblage</i> e arte expressiva. O surrealismo.</p>

<p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>qualidade: a procura de usufruir.</p> <p>6. O homem psicanalisado. O contributo de Sigmund Freud (1859-1939) e da arte na procura do “eu”.</p> <p>7. Rupturas. Autoritarismos e nacionalismos. Os horrores da época. Novos mundos emergentes e novas linguagens artísticas.</p> <p>8. “Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX” – 1ª Conferência Futurista de José de Almada Negreiros (1893-1970) no Teatro República a 14 de Abril de 1917. In <i>Portugal Futurista</i> (1917), pp. 35-38.</p> <p>9. Pablo Picasso (1881-1973), <i>Guernica</i> (1937).</p> <p>A “desconstrução” e a arte como intervenção: a denúncia.</p>		<p>Arte e função: a arquitectura e o <i>design</i>. As novas técnicas. As utopias arquitectónicas. O estilo internacional.</p> <p>A arte portuguesa até aos anos 60: pintura, escultura e arquitectura.</p>
<p>Tempos lectivos previstos: 5</p>	<p>Tempos lectivos previstos: 10</p>		

<b>Módulo 10 – A Cultura do Espaço Virtual</b>			
Indicadores de História da Cultura e das Artes (Tronco Comum)	Conteúdos/Narrativa	Indicadores das Áreas Artísticas (História das Artes Visuais)	Conteúdos/Narrativa
<p>1. <u>Tempo</u></p> <p>2. <u>Espaço</u></p> <p>3. <u>Biografia</u></p> <p>4. <u>Local</u></p> <p>5. <u>Acontecimento</u></p>	<p><b>O fenómeno da globalização.</b></p> <p>1. 1960 – Actualidade. A actividade humana reguladas pela tecnologia, pela publicidade e pelo consumo. A moda e o efémero.</p> <p>2. O mundo global. O espaço virtual. Comunicação <i>em linha</i>. A aculturação.</p> <p>3. Autobiografia. O aluno como ser crítico e agente.</p> <p>4. A Internet. As telecomunicações: vulgarização, massificação, divulgação e recepção do conhecimento.</p> <p>5. A chegada do homem à Lua (1969). A ficção torna-se realidade. Novas utopias.</p>	<p>10. A arte enquanto processo</p>	<p><b>Criar é agir.</b> <i>Coca-Cola</i> de Andy Warhol, expoente da utilização da publicidade e da vida quotidiana como meio de expressão. A <i>Pop Art</i>, um movimento iconoclasta.</p> <p>A materialização da vida nos movimentos, gestos e objectos do quotidiano: a <i>Op Art</i> e a arte cinética.</p> <p>A Arte-Acontecimento: da <i>action painting</i> ao <i>happening</i> e à <i>performance</i>.</p> <p>Pólos da criação contemporânea: a <i>Minimal Art</i>, a arte conceptual e o hiper-realismo.</p> <p>Para além do funcionalismo: os caminhos da arquitectura contemporânea.</p> <p>Vias de expressão da arte portuguesa</p>

<p>6. <u>Síntese 1</u></p> <p>7. <u>Síntese 2</u></p> <p>8. <u>1º Caso prático a analisar</u></p> <p>9. <u>2º Caso prático a analisar</u></p>	<p>6. O corpo e as novas linguagens. O corpo como aglutinador da cultura e das artes. Supressão da barreira entre a arte e a vida.</p> <p>7. O consumo. Consumir para ser.</p> <p>8. Andy Warhol (1928-1987), <i>Coca-Cola</i> (1960). A sacralização icónica de um objecto banal.</p> <p>9. Pina Bausch (1940- ), <i>Café Muller</i> (1978). A redução da dança às exigências dramáticas e expressivas. Abandono do movimento formal.</p>		contemporânea.
Tempos lectivos previstos: 5	Tempos lectivos previstos: 8		

## IV PARTE

### BIBLIOGRAFIA

#### 1. MÓDULO INICIAL — criatividade e rupturas

##### GERAL

##### **História da Cultura e das Artes**

- Bourdieu, Pierre (trad. port. 1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel. (a cultura enquanto relação de poder).
- Burguière, André & Revel, Jacques (Dirs) (1993). *Histoire de la France. Les formes de la culture*. Paris: Seuil. (ainda que centrado em França o volume adopta uma interessante construção da cultura nas suas diferentes formas/estruturas).
- Burke, Peter (trad. cast. 2000). *Formas de história cultural*. Madrid: Alianza Editorial. (perspectiva e historiografia sobre grandes temas de história da cultura).
- Chartier, Roger (trad. port. 1988) *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. (a dimensão da cultura no “fazer” e no “representar”).
- Durand, Gilbert (trad. port. 1979). *A imaginação simbólica*. Lisboa: Arcádia. (o peso da imaginação e do símbolo na cultura e nas artes e algumas formas de o estudar).
- Furet, François (trad. port. s/d.). *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva. (leitura de temas de história da cultura sob novas perspectivas).
- Ginzburg, Carlo (trad. port. 1991). *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel. (obra cheia de novas perspectivas de abordagem da história cultural).
- Gombrich, E.H. (trad. port. 1994). *Para uma história cultural*. Lisboa: Gradiva. (história sociológica da cultura).
- Rioux, Jean-Pierre & Sirinelli, Jean-François (trad. port. 1998). *Para uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa. (percursos do pensar das ciências sociais no campo da cultura por diversos autores).

##### **As linguagens das artes : as Artes Visuais**

- Berger, John (trad. port. 1996). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70. (interessante colectânea de ensaios sobre o conjunto de problemas que suscita a análise da pintura).
- Calabrese, Omar (trad. port. 1989). *A Linguagem da Arte*. Lisboa: Editorial Presença. (excelente estudo sobre os principais problemas interpretativos da obra de arte).
- Debicki, Jacek, Favre, Jean-François, Grunewald, Dietrich & Pimentel, António Filipe (11<sup>a</sup> ed., 2004). *Histoire de l'Art. Peinture, sculpture, architecture*. Paris:

- Hachette Education. (manual escolar, bem organizado e pedagógico na aplicação prática dos conhecimentos à análise das obras de arte).
- Eco, Humberto (trad. port. 1986). *A Definição da Arte*. Lisboa: Edições 70. (estudo clássico sobre as questões suscitadas pela análise da arte contemporânea).
- Francastel, Pierre (trad. port. 1986). *Arte e Técnica*. Lisboa: Livros do Brasil. (estudo fundamental sobre os principais problemas suscitados pela arte contemporânea)
- Hauser, Arnold (trad. port. 1988). *Teorias da Arte*. Lisboa: Editorial Presença. (importante estudo onde se sistematizam os principais problemas que actualmente se colocam na análise da obra de arte).
- Huyghe, René (trad. port. 1986). *O Poder da Imagem*. Lisboa: Edições 70. (estudo clássico para a abordagem da riqueza interpretativa da pintura e da escultura).
- Kubler, George (trad. port. 1998). *A Forma do Tempo. Observações sobre a história dos objectos*. Lisboa: Veja. (estudo clássico sobre os problemas da criação artística, de um historiador de particular relevância para a historiografia da arte portuguesa).
- Melo, Alexandre (1994). *O que é Arte*. Lisboa: Difusão Cultural. (estudo fundamental de um dos mais relevantes críticos de arte contemporâneos).
- Panofsky, Erwin (trad. port. 1989). *O Significado nas Artes Visuais*. Lisboa: Editorial Presença. (importante conjunto de ensaios sobre a arte enquanto ilustração de conteúdos culturais).
- Read, Herbert (trad. port. 1968). *O Significado da Arte*. Lisboa: Editorial Ulisseia. (obra de referência ainda hoje na análise e compreensão dos fenómenos estéticos, das origens ao século XX).
- Wölfflin, Heinrich (trad. port. 1996). *Conceitos Fundamentais da História da Arte*. S. Paulo: Martins Fontes. (estudo clássico pela clareza com que caracteriza os principais conceitos analíticos da História da Arte)
- Zevi, Bruno (trad. port. 1977). *Saber ver a Arquitectura*. Lisboa: Arcádia. (estudo de referência sobre as questões especificamente suscitadas pela análise da arquitectura).

### **As linguagens das artes : a Dança**

- Adshead-Lansdale, J. & Layson, J. (eds.) (1994). *Dance History: An Introduction*. 2<sup>a</sup> ed. London, N.Y.: Routledge. (obra de referência para estabelecer as coordenadas epistemológicas da disciplina da História da Dança).
- Batalha, Ana Paula & Xerez, Luís (1999). *Sistemática da dança I*. Oeiras: FMH edições. (conjunto de reflexões sobre o estudo da dança, assente prioritariamente na identificação das problemáticas. Obra acessível e de fácil leitura.).
- Dixon, Brenda; Kraus, Richard & Hilsendager, Sarah Chapman (1991). *History of The Dance in Art and Education*. (3<sup>a</sup> ed.) New Jersey: Prentice-Hall, Inc. (análise conceptual e histórica da dança).



- Spencer, Paul (ed.) (1985). *Society and the Dance*. London: Cambridge University Press. (aborda a dança numa perspectiva cultural e ajuda à compreensão dos contextos de ocorrência da mesma.).
- Thomas, Helen (ed.) (1993). *Dance, Gender and Culture*. London: The Macmillian Press. (obra que aborda a dança numa perspectiva cultural e que ajuda à compreensão do contextos de ocorrência da mesma).

### **As linguagens das artes: a Música.**

- Bennett, Roy (1987). *History of Music*. Cambridge: Cambridge University Press. (ler o 1º Capítulo: What is “style” in music?. Fornece indicações muito genéricas sobre os vários parâmetros da música (Melodia, Harmonia, Ritmo, etc.) que podem ajudar os Professores que não são da área da música.
- Brown, H. M. & McKinnon, J. W. (1980). Performing practice. In Sadie, Stanley (Ed.). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. (1º capítulo, pp. 370-371). London: Macmillan. (uma perspectiva genérica da música enquanto arte performativa).
- Cook, Nicholas (1998). *Music. A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press. (Ler 1º capítulo, capítulo 4 (págs. 51-58) e capítulo 5 (págs 74-78). Obra de divulgação, mas que apresenta muitos dos conceitos actuais acerca de música e cultura e de música enquanto *performance*.)
- Cook, Nicholas (2003). Music as Performance. In M. Clayton, T. Herbert & R. Middleton (Eds.) *The Cultural Study of Music*. (pp. 204-214). Londres: Routledge. (um capítulo mais erudito dentro da linha do livro anterior.)
- Michels, Ulrich (1982). *Atlas de Música (Vol.1)*. Madrid: Alianza Editorial. (ler o Capítulo Música e História da Música, pág. 11. Noções gerais sobre o conceito de música, os seus elementos, a história da música, música enquanto expressão de uma cultura, música antiga e música contemporânea. Pode ajudar os Professores que não são da área da música.)

### **As linguagens das artes: o Teatro**

- AA.VV. (1988). *Semiologia do teatro*. In J. Guinsburg, J. Teixeira Coelho Netto e Reni Chaves Cardoso (Eds.), 2ª ed. revista e aumentada, São Paulo: Editora Perspectiva. (a considerar, principalmente, o artigo de Tadeus Kowzan (pp.93-123), pelo modo como explicita as diversas linguagens que intervêm no teatro).
- Barata, José de Oliveira (e Vasconcelos, Ana Isabel) (1991). «Introdução», *História do Teatro Português*, Lisboa: Universidade Aberta, 25-54.
- Mateus, Osório (2002) *De teatro e outras escritas*. In Maria João Brilhante, José Camões, Helena Reis Silva (Eds.). Lisboa: Quimera em colaboração com o Centro de Estudos de Teatro. (diversos artigos sobre a especificidade do teatro e do texto dramático pp.98-115 e 212-218).

Pavis, Patrice (2003). *Dicionário de Teatro*. Rio de Janeiro: Perspectiva.(obra de referência).

## CASOS PRÁTICOS

1. *Three Tales*, Steve Reich (3º conto: *Dolly*. Versão DVD).

Potter, Keith & Whittal, Arnold (editor) (2002). *Four musical minimalists: La Moute Young, Terry Riley, Steve Reich, Philip Glass (music in the twentieth century)*. Cambridge: University Press. (o minimalismo musical).

Reich, Steve (1974). *Writings about music*. (como Reich pensa a música dentro da matriz minimalista).

<http://www.musicomh.com/albums/steve-reich.htm> (acedido em 25.08.04) (sítio de informação genérica sobre o álbum e a sua integração contemporânea).

<http://www.popmatters.com/music/concerts/r/reich-steve-021019.shtml> (acedido em 25.08.04) (sítio que põe em contacto com um concerto, em Brooklin em 2002, ligando-o ao percurso minimalista musical e vídeo dos trabalhos de Reich).

2. *Lichtung II*, Emmanuel Nunes.

<http://brahms.ircam.fr/textes/c.00000071/n00004269/> (acedido em 25.08.04) (informações gerais e possibilidade de acesso a sítios complementares).

<http://www.bisbigliando.com./nunes.htm> (acedido em 25.08.04) (a biografia e a produção musical de Emmanuel Nunes).

3. *Estádio Municipal de Braga*, Souto Moura.

<http://www.instituto-camoes.pt/arquivos/artes/arqpessoa.html> (acedido em 25.08.04) (biografia e interessante entrevista de Souto Moura, sobre a arquitectura na cultura contemporânea, no seguimento de ser galardoado, em 1998, com o Prémio Pessoa).

<http://www.architekturfotografie.ch/Photography/Souto%20de%20Moura/Souto%20de%20Moura.html> (acedido em 25.08.04). (a filosofia presente no trabalho arquitectónico de Braga através de texto e excelentes projecções fotográficas).

4. *The Barn*, Paula Rego.

Lisboa, Maria Manuel (2003). *Paula Rego's map of memory; national and sexual politics*. New York: Ashgate Publishing. (os grandes temas da pintura de Paula Rego e as marcas do mundo actual).

[http://www.artcyclopedia.com/artists/rego\\_paula.html](http://www.artcyclopedia.com/artists/rego_paula.html) (acedido em 25.08.04). (as pinturas de Paula Rego e a expressão geográfica dos seus locais de exibição).

5. *Sente-me, Ouve-me, Vê-me*, série de trabalhos de Helena Almeida.

- Gonçalves, Rui Mário (1988). 1968-1974. Nova abstracção. Ambientes. Conceitos e ... 1974-1983. Acções colectivas. *História da Arte Em Portugal 13*. Lisboa: Publicações Alfa. (obra acessível para perceber o enquadramento histórico da obra da artista pp.111-162).
- Melo, Alexandre (1998). *Artes Plásticas em Portugal. Dos anos 70 aos nossos dias*. Algés: Difel (contextualiza a obra de Helena Almeida na arte portuguesa dos últimos 30 anos do século XX).
- Sardo, Delfim (2004). *Helena Almeida. Pés no Chão, Cabeça no Ar*. Lisboa: Bial. (obra retrospectiva e bem ilustrada editada por ocasião da exposição “Helena Almeida. Pés no Chão, Cabeça no Ar”, Lisboa, Centro Cultural de Belém).

#### 6. La Fura dels Baus (D. Quixote).

- Lista, Giovanni, (1997). Le Corps et La Scène Implosée. *La Scene Moderne*. Paris: Editons Carré, pp.192-213. (contextualiza a linguagem “furero” no âmbito da performance contemporânea).
- <http://www.lafura.com> (acedido em 19.08.04) (sítio da internet a ser explorado pelos alunos com o apoio do professor, visto ser em língua estrangeira).

## 2. TRONCO COMUM

- Alarcão, J. (1988). *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América. (obra de síntese com profundidade da análise e clareza da exposição).
- Araújo, Ana Cristina (2003). *A cultura das Luzes em Portugal. Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte. (obra incontornável no estudo do tema).
- Alfoldy, G. (1989). *A história social de Roma*. Col. Biblioteca de Textos Universitários. Lisboa: Ed. Presença. (obra geral mas documentada e organizada).
- Amouretti, M.C. (1993). *O mundo grego antigo. Dos palácios de Creta à conquista romana*. Lisboa: D. Quixote. (interessante visão de síntese do mundo antigo).
- Bidiss, Michael D. (1980). *L'ère des masses*. Paris: Ed. du Seuil. (excelente ensaio de conjunto)
- Bonnard, A. (1972). *Civilização grega*. Lisboa: Estúdios Cor. (obra inovadora pelas fontes utilizadas para ler a cultura grega).
- Bordet, M. (1991). *Síntese de história romana*. Porto: Ed. ASA. (sistematização muito completa da história de Roma).
- Brito, José Maria Brandão de (Coord.) (2003). *Globalização e Democracia - Os Desafios do Século XXI*. Actas do IV Curso Livre de História Contemporânea realizado em Lisboa, de 19 a 24 de Novembro de 2001. Lisboa: Edições Colibri/Fundação Mário Soares. (como o título indica, exemplar estudo de síntese sobre a globalização ea democracia).

- Buttin, A-M. (2000). *La Grèce Classique*. Col. Guide Belles Lettres des Civilisations. Paris: Les Belles Lettres. (exemplar síntese sobre o assunto).
- Chaunu, Pierre (1985). *A civilização da Europa das Luzes*. 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa. (obra de síntese complementada com estudos de caso temático-conjunturais).
- Chaunu, Pierre (1981). *Église, culture et société. Essais sur réforme et contre-réforme (1517-1620)*. Paris: SEDES. (uma visão integrada das várias reformas religiosas da Europa moderna).
- Christol, M. & Nony, D. (1993). *Roma e o seu império das origens às invasões bárbaras*. Lisboa: D. Quixote. (obra fundamental para a compreensão do processo de construção do Império).
- Conrad, Peter (1998). *Modern times, modern places. Life & Art in the 20th Century*. London: Thames and Hudson. (síntese para introdução ao estudo do tema).
- Delumeau, Jean (1984). *A civilização do Renascimento*. 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa. (obra de síntese complementada com estudos de caso temático-conjunturais).
- Delumeau, Jean (trad. cast. 1977). *La reforma*. Barcelona: Editorial Labor. (obra fundamental pela síntese sistemática que traça para se perceber os tempos de reformam religiosa).
- Dubois, C.-G. (1973). *Le baroque, profondeurs de l'apparence*. Paris: Larousse. (obra fundamental pela profundidade dos conteúdos e pela inovação historiográfica).
- Duby, Georges (1979). *O tempo das catedrais. A arte e a sociedade (980-1420)*. Lisboa: Editorial Estampa. (a análise da integração da arte e da sociedade no tempo medieval).
- Duby, Georges (1986). *Guilherme, o Marechal. O melhor cavaleiro do mundo*. Lisboa: Gradiva. (perspectiva inovadora, análise muito completa e forma diferente de escrever história da cultura, através da biografia e sociedade).
- Duby, Georges (1997). *Ano 1000 Ano 2000. No rasto dos nossos medos*. Lisboa: Teorema. (ensaio de conjunto sobre os caminho dos medos do homem no tempo).
- Eisenstein, E. (2000). *The printing revolution in early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge. (obra sobre as problemáticas da divulgação cultural através do impresso).
- Elias, Norbert (trad. port. 1987). *A sociedade de corte*. Lisboa: Estampa. (obra inultrapassável para a compreensão das implicações culturais da cultura de Corte)
- Ferreira, J.R. (1992). *Hélade e helenos. Génesis e evolução de um conceito*. Coimbra: INIC-CECUC. (obra de aproximação a um tema de abrangência).
- Furet, François (1998). *O homem romântico*. Lisboa: Presença. (obra bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Garin, Eugenio (Coord.) (1991). *O homem renascentista*. Lisboa: Presença. (obra bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).

- Giardina, A. (Coord.) (1991). *O homem romano*. Lisboa: Presença. (obra bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Grimal, Pierre (1995). *A vida em Roma na Antiguidade*. Mem Martins: Publicações Europa-América. (excelente para uma primeira aproximação).
- Hazard, Paul (1983). *O pensamento europeu no século XVIII (de Montesquieu a Lessing)*. Lisboa: Editorial Presença. (obra clássica na leitura intelectual da Europa do século XVIII).
- Hsia, R. Po-Chia (1998). *The world of catholic renewal 1540-1770*. Cambridge: Cambridge University Press. (uma síntese actualizada sobre um tempo largo de cultura católica).
- Hobsbawm, Eric (1992). *A era das revoluções – 1789-1848*. Lisboa: Editorial Presença. (as dimensões político-culturais das agitações revolucionárias do final do Antigo Regime).
- Hobsbawm, Eric (1998). *A Questão do Nacionalismo. Nações e nacionalismo desde 1780 – programa, mito, realidade*. Lisboa: Terramar. (ensaio histórico de conjunto).
- Knowles, M. D., Obolensky, D. (1968). *Nouvelle Histoire de l'Église. Le Moyen Age*. Paris: Éditions du Seuil. (síntese qualificada sobre o tema)
- Le Goff, Jacques (1983). *A Civilização do Ocidente Medieval*. 2 vols. Lisboa: Editorial Estampa. (obra de síntese complementada com estudos de caso temático-conjunturais).
- Le Goff, Jacques (1983). *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva Publicações Lda. (as variações da produção cultural da Idade Média para lá do mundo monástico-clerical)
- Lévy, Bernard-Henry (2000). *O século de Sartre*. Lisboa: Quetzal Editores. (visão de síntese de um tema abrangente).
- Lipovetsky, Gilles (1989). *O império do efémero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. (análise de sociologia da cultura centrada no mundo diversificado da moda).
- Lowy, Michael; Sayre, Robert (1997). *Revolta e Melancolia – O Romantismo contra a Corrente da Modernidade*. Venda-Nova: Bertrand Editora. (excelente síntese para a introdução ao estudo do tema).
- Mandrour, R. (1973). *Des humanistes aux hommes de science*. Paris: Éditions du Seuil. (síntese de grande qualidade informativa e problematizante)
- Maravall, J. A. (1983). *La cultura del barroco. Análises de una estructura histórica. Barcelona*. Editorial Ariel. (obra fundamental sobre a cultura do Barroco como estrutura temporal datada).
- Marques, A.H. de Oliveira (5ª ed. 1987). *A Sociedade Medieval Portuguesa – aspectos de vida quotidiana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. (trabalho inovador pela leitura cultural que faz das ideias impensadas do quotidiano).
- Martin, T.R. (1998). *Breve história da Grécia clássica*. Lisboa: Ed. Presença. (excelente síntese para a introdução ao estudo do tema).

- Mossé, C.; Schnapp-Gourbeillon (1994). *Síntese de história grega*. Lisboa: Ed. ASA. (síntese para iniciação ao estudo do tema).
- Muir, Edward (1997). *Ritual in early Modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press. (a cultura moderna nas suas dimensões de rito).
- Nauert Jr., Charles G. (1995). *Humanism and culture of Renaissance Europe*. Cambridge: Cambridge University Press. (síntese actualizada da cultura humanista)
- Pereira, M. H. da R. (7ª ed. 1993). *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol. I: *Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (obra verdadeiramente clássica pela profundidade da análise e clareza da exposição).
- Pereira, Maria Helena R. (2ª ed. 1989). *Estudos da história da cultura clássica*. Vol. II: *Cultura romana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (obra verdadeiramente clássica pela profundidade da análise e clareza da exposição).
- Pernes, Fernando (Coordenação). (2001). *Panorama da cultura portuguesa no século XX*. 3 vols. Porto: Edições Afrontamento/Fundação Serralves. (uma visão geral sobre o século XX organizada por grande áreas: "As Ciências e as Problemáticas Sociais" (1º vol.), "Arte(s) e Letras I e II" (2º e 3ª vols.).
- Rosas, Fernando (s./d.). *Século XX – Homens, Mulheres e factos que mudaram a história*. 32 Fascículos adaptados da versão original de *El País*. Lisboa: Público/El País. (excelente ensaio de conjunto)
- Vernant, J.P. (Coord.) (1994). *O homem grego*. Lisboa: Presença. (obra bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Veyne, Paul (1988). *A sociedade romana*. Lisboa. Ed. 70. (inovação e síntese na abordagem de um tema muito abrangente).
- Villari, Rosario (Coord.) (1995). *O homem Barroco*. Lisboa: Presença. (obra bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Vovelle, Michel (1987). *A mentalidade revolucionária – sociedade e mentalidades na revolução francesa*. Lisboa: Edições Salamandra. (abordagem das relações da mentalidade e da cultura nas mudanças sociais do final do Antigo Regime).
- Vovelle, Michel (Coord.) (1997). *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença. (obra bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Winnock, Michael (2001). *Les voix de la liberté. Les écrivains engagés au XIXe Siècle*. Paris: Éditions du Seuil. (obra de síntese sobre o assunto para introdução ao seu estudo).

<http://www.artyclopedia.com> <<http://www.artyclopedia.com/> (enciclopédia, consulta pelo nome dos artistas, nacionalidade ou movimento artístico)

<http://www.encarta.msn.com> <<http://www.encarta.msn.com/> (enciclopédia).

<http://www.infoplease.com> <<http://www.infoplease.com/> (Columbia Encyclopedia)

[http://www.universia.pt/conteudos/bibliotecas/bibliotecas\\_mapas\\_2.jsp](http://www.universia.pt/conteudos/bibliotecas/bibliotecas_mapas_2.jsp) (página que remete para mais de mil mapas históricos).  
<http://www.lib.utexas.edu/maps/index.html> (remissão da página anterior para mapas).  
<http://users.erols.com/mwhite28/20centry.htm> (atlas histórico do século XX).  
<http://iam.classics.unc.edu/> (atlas do mundo mediterrânico).  
<http://www.monde-diplomatique.fr/cartes/> (cartografia de conflitos no mundo contemporâneo).  
<http://www.indiana.edu> <<http://www.indiana.edu/> (Atenas, arquivo de imagens do património arqueológico e arquitectónico).  
<http://www.culture.gr> <<http://www.culture.gr/> (museus gregos).  
<http://pompeya.desdeinter.net/index.htm> (arte romana).  
<http://www.conimbriga.pt/index.html> <http://www.uc.pt/Conimbriga/html> (Conímbriga).  
<http://www.forumromanum.org/> <<http://www.geocities.com/stilicho/> (sobre a História de Roma).  
<http://www.unicaen.fr/rome/> (planta de Roma, reconstituições e maquetas).  
<http://www.pitt.edu/~medart/> (arte e arquitectura medievais).  
<http://www.camelotintl.com/index.html> (Camelot International, visita a uma aldeia medieval).  
<http://www.terravista.pt/lhadooMel/2915/> (cronologia do século XIII).  
<http://www.csupomona.edu/~pcclarch/emusic/medieval.html> (música medieval).  
<http://www.virtual-net.pt/FranciscanosVaratojo/ofm.html> (a Ordem franciscana).  
<http://companhijesus.pt/intro/hist.port.htm> (a Companhia de Jesus).  
<http://www.northlink.com/~hauxe/dkshore.htm> (contactos entre Espanhóis e Índios).  
<http://www.cncdp.pt/cncdp/cristal/index.html> (descobrimientos e expansão portuguesa).  
<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/navegaport/index.html> (descobrimientos e expansão portuguesa).  
<http://www.cidadevirtual.pt/mosteiro-jeronimos> (Mosteiro dos Jerónimos Torre de Belém).  
<http://www.terravista.pt/portosanto/1445> (navios dos descobrimientos)  
<http://www.cncdp.pt/gama/index.html> (portugueses no Oriente).  
<http://www.fordhan.edu/halsall/mod/modsbook05.htm/#Absolutism> (absolutismo em Inglaterra Espanha e França, fontes primárias e imagens).  
<http://www.bmz.amsterdam.nl/adam/uk/intro.html> (Amesterdão século XVII).  
<http://www.chateauversailles.fr/> (sobre o Palácio de Versalhes)  
<http://www.monumentos.pt/ajuda.html> (DGEMN ^ estudo dos projectos arquitectónicos do tempo do Marquês de Pombal ^ Lisboa, Vila Real de Santo António, Universidade de Coimbra).  
<http://www.wsu.edu/~dee/ENLIGHT/ENLIGHT.HTM> (sobre o Iluminismo)  
<http://lcweb.loc.gov/exhibits/african/> (exposição de documentos e imagens sobre a África e a América).

<http://www.iscsp.utl.pt/cepp/> (história política portuguesa).

<http://maltez.info/respublica/index.html> (história política portuguesa, 1.ª República e Estado Novo).

<http://65.107.211.206/victorian/victov.html> (sobre a época vitoriana).

[http://europa.eu.int/index\\_pt.htm](http://europa.eu.int/index_pt.htm) (arquivo digital da União Europeia).

<http://www.25abril.org/index1.htm> (Associação 25 de Abril).

<http://www.apwideworld.com/> (sítio da Associated Press com arquivos de imagens do século XX).

<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/avalon.htm> (coleção de documentos da Antiguidade até aos nossos dias).

<http://www.infoscience.fr/index.php3> (biografia de cientistas).

<http://www.iisg.nl/exhibitions/chairman/index.html> (coleção de cartazes e de propaganda de países socialistas).

<http://www.cnn.com/SPECIALS/cold.war/> (Guerra Fria).

<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/index.htm> (propaganda Nazi).

<http://www.remember.org/> (guia do Holocausto).

<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/USA.htm> (História do século XX dos Estados Unidos da América).

### 3. CASOS PRÁTICOS DO TRONCO COMUM

#### 1. Os templos de Parthenon e Athena Niké.

Pereira, Maria Helena da Rocha (7ª ed. 1993). *Estudos de História da Cultura Clássica. 1º vol – Cultura Grega*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. (excelente para uma primeira aproximação à arquitectura grega e a aos monumentos em análise).

Robertson, M. (trad. port. 1965). *O Mundo Grego*. Rio de Janeiro: s/n (útil para o complexo debate da dependência da arquitectura grega em relação à tradição micénica).

Woodford, Susan (trad. port. 1983). *Introdução à História da Arte da Universidade de Cambridge. Grécia e Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (obra de referência na aproximação à arquitectura grega).

<http://www.greatbuildings.com/> (acedido em 19.08.04). (sítio onde se acedem a diversas imagens dos dois templos, bem como à respectiva história).

#### 2. O diálogo entre o coro (kommos, lamentação) e Xerxes depois da fala da Rainha nos Persas de Ésquilo (525-456 a.C.).

Ésquilo (1998). *Os Persas*. trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Lisboa: Edições 70.

Ésquilo (1992). *Os Persas*. trad., pref. e notas de Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa: Inquérito.



- Kirstein, Lincoln. (1987). *The Origins of Greek Tragedy. Dance and Theatre. A Short History of Classic Theatrical Dancing*. New Jersey: Dance Horizons Book, pp.17-39. (a dança e o Teatro na tragédia grega).
- Pereira, Aires Rodeia (1998). *A dança na Tragédia Grega. Actas da Conferência Internacional - O Encontro de Culturas na História da Dança*. Oeiras: FMH edições, pp.65-69. (texto acessível que contextualiza as funções e as formas de dança na tragédia grega, contendo inúmeras referências sobre a dança na tragédia grega).
- Pereira, M. H. da R. (5ª ed. 1980). *Estudos de História da Cultura Clássica. I Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (estudo de referência que pode ser utilizado com proveito pelos alunos).
- <http://didaskalia.open.ac.uk/index.shtml> (acedido em 29.07.04). (sítio sobre teatro grego e romano, com diversos estudos sobre os autores, a arquitectura e o espectáculo do teatro antigo. Inclui um restauro em 3d do teatro de Dionísio. Outros artigos dão a ver reconstituições de teatros romanos. Remete para outros endereços de interesse a explorar.)
- <http://www.whitman.edu/theatre/theatretour/home.htm> (acedido em 29.07.04). (sítio de Thomas G. Hines, (Department of Theatre, Whitman College). Apresenta informação, localização, representação gráfica em planta e visita virtual animada de teatros gregos e romanos).
- <http://warj.med.br/index.asp> (acedido em 29.07.04). (sítio de Wilson A. Ribeiro Júnior. Página sobre a cultura grega, nomeadamente a arte e o teatro. Sinopse de tragédias e comédias).

### 3. A Coluna de Trajano (98-117).

- Pereira, Maria Helena da Rocha (2ª ed. 1989). *Estudos de História da Cultura Clássica. 2º vol – Cultura Romana*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. (excelente para uma primeira aproximação ao monumento).
- Toynbee, J. M. C. (trad. port. 1972). *A Arte dos Romanos*. Lisboa: Verbo, col. “Ars Mundi” (inclui descrição completa da coluna).
- Rossi, Lino (trad. ingl. 1971). *Trajan’s Column and the Dacian Wars*, London: Thames and Hudson. (obra de fundo sobre o assunto).
- <http://www.unicaen.fr/rome/> (acedido em 10.08.04). (sítio muito apelativo, proporcionando acesso à planta da Roma antiga com maquetas dos principais monumentos e animação virtual, nomeadamente da Coluna de Trajano).
- <http://www.ac-amiens.fr/academie/pedagogie/italien/default.htm> (acedido em 19.08.04). (sítio que fornece ilustrações de pormenor do friso da coluna).
- <http://www.Lateinforum.de/Roma.htm> (acedido em 19.08.04). (sítio que fornece ilustrações de pormenor do friso da coluna).

### 4. Frescos de Pompeia (79).

- Pereira, Maria Helena da Rocha (2ª ed. 1989). *Estudos de História da Cultura Clássica. 2º vol – Cultura Romana*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. (excelente para uma visão de síntese das correntes pictóricas pompeianas).
- Toynbee, J. M. C. (trad. port. 1972). *A Arte dos Romanos*. Lisboa: Verbo, col. “Ars Mundi” (sublinha a originalidade da pintura romana em oposição à tradicional dependência helenística).
- Woodford, Susan (trad. port. 1983). *Introdução à História da Arte da Universidade de Cambridge. Grécia e Roma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (analisa a problemática opinando igualmente no sentido de uma interpretação romana da tradição grega).
- <http://pompeya.desdeinter.net/index.htm> (acedido em 19.08.04). (sítio ainda em construção, mas que fornece a planta da cidade e a visita individual aos seus edifícios com ilustrações de numerosos frescos).

### 5. Canto Gregoriano.

- Grout, Donald J. & Palisca, Claude V. (1997). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva. (ler Capítulo 2, pp. 50-56 e 60-70, onde se poderá encontrar informação acerca do Canto Gregoriano, da Liturgia (Missa e Liturgia das Horas) e dos vários tipos de peças (nomeadamente o Kyrie, o Gradual e as Antífonas).

### 6. São Pedro de Rates.

- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (2001). *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa, Editorial Presença (grande especialista do Românico português, analisa S. Pedro de Rates no seu contexto)
- Duby, George (trad. port. 1993). *O Tempo das Catedrais. A arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa. (obra incontornável na análise da relação da arte com a cultura do seu tempo, cuja primeira parte é dedicada ao estudo do mosteiro).
- Duby, Georges (trad. port. 1997). *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. Lisboa: Edições Asa (importante para a compreensão da arquitectura cluniacense por confronto com as alterações introduzidas pela adopção da regra cisterciense).

### 7. A Catedral de Notre-Dame de Amiens (1220-1280).

- Duby, George (1993). *O Tempo das Catedrais. A arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa (obra de referência fundamental, de que uma parte trata justamente do significado da catedral, tema a que se volta no capítulo “Imagens”).
- Simson, Otto von (1991). *A Catedral Gótica*. Lisboa: Editorial Presença. (excelente ensaio sobre as questões formais e iconológicas suscitadas pelas grandes catedrais góticas francesas, onde se enquadra a de Amiens).

<http://www.mcah.columbia.edu/Mcahweb/index-frame.html> (acedido em 19.08.04). Sítio muito bem construído e apoiado por excelente informação.

8. Nicolau Lanckman de Valckenstein, Casamento de Frederico III com D. Leonor de Portugal (festas de 13 a 24 de Outubro de 1451).

Lanckman de Valckenstein, Nicolau (1988). *Leonor de Portugal imperatriz da Alemanha, Diário de Viagem do Embaixador Nicolau Lanckman de Valckenstein*, ed. do texto latino (impresso em 1503) e tradução de Aires A. Nascimento, com a colaboração de Maria João Branco & Maria de Lurdes Rosa, Lisboa: Edições Cosmos. (edição do texto completo das festas de 1451).

Martins, Mário (1969). Representações teatrais, em Lisboa, no ano de 1451 (1960). *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa: Editorial Verbo, pp.35-44.

Rebello, Luiz Francisco (1977). *O Primitivo Teatro Português*, Lisboa: ICALP. (informação sobre o teatro nas festas régias portuguesas do século XIV).

9. A Anunciação (1475-1578) de Leonardo da Vinci (1452-1519).

Bérence, Fred (trad. port. 1984). *Leonardo da Vinci*. Lisboa: Verbo (excelente para uma aproximação à vida e obra do artista, bem como à importância e significado da *Anunciação*).

Berger, John (trad. port. 1996). *Modos de Ver*. Lisboa: Edições 70 (útil para os problemas que suscitados pela análise da pintura).

Janson, Horst Woldemar (trad. port. 1989). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (útil para uma primeira aproximação à obra de Leonardo).

10. Fala do Licenciado e diálogo de Todo-o-Mundo e Ninguém. Lusitânia (1532), de Gil Vicente (c. 1465-1536?) (Compilaçam, versos 390 a 460 e 797 a 866).

Abreu, Graça (1988). *Lusitânia. Vicente*. Lisboa: Quimera. (estudo do teatro no teatro de que este auto é exemplo).

Alçada, João Nuno (2004). Para um novo significado da presença de *Todo o Mundo e Ninguém* no *Auto da Lusitânia*. *Por ser cousa nova em Portugal*. Coimbra: Angelus Novus, pp.67-142.

Mateus, Osório (2002) *De teatro e outras escritas*. In Maria João Brilhante, José Camões e Helena Reis Silva (Eds.). Lisboa: Quimera em colaboração com o Centro de Estudos de Teatro. (diversos artigos sobre Gil Vicente que abrem novas perspectivas de estudo sobre este autor).

Vicente Gil (2002). *As Obras de Gil Vicente*, direcção científica de José Camões. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (o texto do auto de Gil Vicente encontra-se disponível no sítio do Centro de Estudos de Teatro: [http://www.fl.ul.pt/centros\\_invst/teatro/pagina/centro-estudos-teatro.htm](http://www.fl.ul.pt/centros_invst/teatro/pagina/centro-estudos-teatro.htm) (acedido em 29.07.04)).

11. La cérémonie Turque. *Le Bourgeois Gentilhomme* (1670) de Molière (1622-1673) e de Lully (1632-1687).

Beaussant, Philippe (1999). *Louis XIV artiste*. Paris: Payot. (estudo sobre a importância dada às artes por Luís XIV).

Canova-Green, Marie Claude (1990). Ballet et Comedie-Ballet sous Louis XIV ou L'illusion de la Fête. *Seventeenth Century Literature*, XVII, 32. (a Comedie-Ballet).

Grout, Donald J. & Palisca, Claude V. (1997). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva. (1er Capítulo 10, pp.364-367, acerca da ópera francesa barroca e do papel de Jean-Baptiste Lully nesse contexto).

Karro, Françoise (1991). La Cérémonie turque du *Bourgeois gentilhomme*: mouvance temporelle et spirituelle de la foi. *Biblio*, 17. (outros artigos sobre o *Bourgeois gentilhomme* podem ser lidos neste número de *Biblio*).

Sorell, Walter (1967). Ballet Comes of Age. *The dance*. New York: Grosset & Dunlap publishers, pp.114-131. (Le Bourgeois Gentilhomme e a Comédie Ballet).

<http://www.toutmoliere.net/index.html> (acedido em 29.07.04). (página muito completa sobre Molière: Todos os textos com estudos prévios, iconografia, cronologia).

<http://www.site-moliere.com> (acedido em 29.07.04). (página muito completa que inclui, entre outros pontos, uma biografia do autor e a ed. dos seus textos de teatro, um índice de personagens e de actores).

12. O Real Edifício de Mafra (1717-1730/1737).

Elias, Norbert (trad. port. 1987). *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Estampa. (referência fundamental na compreensão da importância do palácio na cultura do Barroco).

Gama, Luís Filipe Marques da (1985). *Palácio Nacional de Mafra – Roteiro*. Lisboa: Elo. (guia que facilita a aproximação ao monumento).

Pimentel, António Filipe (2ª ed., 2002). *O Real Edifício de Mafra. Arquitectura e Poder*. Lisboa: Livros Horizonte. (obra de referência para a compreensão do conjunto de ideias que enformam o programa artístico de Mafra).

13. W. A. Mozart (1756-1791), *Le nozze di Figaro* (1786) – finale (c. 15m) (versão em DVD).

Carter, Tim (1988). *W. A. Mozart: Le Nozze di Figaro*. Cambridge: Cambridge University Press. (pertencente à série *Cambridge Opera Handbooks*, este livro, entre outros assuntos, faz a contextualização da ópera de Mozart em termos da tradição da Opera Buffa e do estilo clássico, refere o modo como Da Ponte e Mozart adaptaram a peça de Beaumarchais à Viena Imperial e apresenta a sinopse do libretto).

Grout, Donald J. & Palisca, Claude V. (1997). *História da Música Ocidental*. Lisboa: Gradiva. (ler o Capítulo 14, pp. 534 e 539, acerca do período em que Mozart compôs esta ópera bem como acerca da obra em si).

Mozart, W. A. (1993). *Le Nozze di Figaro*. dir. John Eliot Gardiner (1993), DVD. Deutsche Grammophon (073 018-9). (edita o libretto)

14. O urbanismo da Baixa Pombalina (1758-...) – Planta de Eugénio dos Santos para a reconstrução de Lisboa.

Delfant, Charles (trad. port. 2000). *A Grande História da Cidade*. Lisboa: Instituto Piaget. (útil para o confronto da Praça do Comércio com as suas congéneres europeias).

França, José-Augusto (1987). *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. Lisboa: Livraria Bertrand. (obra clássica e fundamental na análise do processo da reconstrução de Lisboa)

Pimentel, António Filipe (1999). “O Laboratório da Reconstrução: reflexões em torno do pensamento e da prática do urbanismo português”. *Propaganda e Poder*. Lisboa: Edições Colibri. (analisa o sentido iconológico da Praça do Comércio).

<http://www.monumentos.pt/ajuda.html> (acedido em 19.08.04). (sítio que fornece acesso aos projectos pombalinos da reconstrução de Lisboa).

15. Palácio da Pena, Sintra (1838-1868/1885).

Anacleto, Regina (1997). *Arquitectura Neomedieval Portuguesa (1780-1924)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (obra de fundo sobre o revivalismo medieval na arquitectura portuguesa de Oitocentos, onde se dá especial destaque ao Palácio da Pena).

Anacleto, Regina (dir.) (1994). *O Neomanuelino ou a Reinvenção da Arquitectura dos Descobrimentos*. Cat. Lisboa: Comissão Nacional Para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. (bom instrumento para a compreensão dessa vertente especificamente nacional do revivalismo romântico).

Carneiro, José Manuel Martins (1991). *Pena Palácio Nacional*. Mafra: Elo. (roteiro que facilita a aproximação ao monumento).

16. Fotografia de Lewis Hine (1874-1940), Italian family on ferry boat leaving Ellis Island (1905).

Barthes, Roland (1989). *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70.

Janson H. W. (1994). *História da Arte. Panorama das Artes Plásticas e da Arquitectura. Da Pré-História à Actualidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (a considerar os capítulos sobre fotografia: pp.612-617; 661-665, 768-784).

Sontag, Susan (1986). *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Songez, Marie-Loup (1996). *Historia de la Fotografia*. Madrid: Cátedra.

<http://www.geh.org/> (acedido em 29.07.04). (sítio com importantes colecções de fotografia, onde se inclui a que é referida no caso prático).

<http://www.masters-of-photography.com/> (acedido em 29.07.04). (sítio com importantes colecções de fotografia).

17. “Ultimatum futurista às gerações portuguesas do século XX” – 1ª Conferência Futurista de José de Almada Negreiros (1893-1970) no Teatro República a 14 de Abril de 1917.

França, José-Augusto (1985). 3. O Futurismo. *A arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. Venda Nova: Bertrand Editora, pp.51-75

França, José-Augusto (1979). *O modernismo na arte portuguesa*. Lisboa: Instituto da Cultura Portuguesa, colecção Biblioteca Breve.

*Portugal Futurista* (1981, ed. facsimilada). Lisboa: Contexto. (reproduz o objecto em estudo com introduções de Nuno Júdice, «O Futurismo em Portugal», e de Teolinda Gersão «Para o estudo do Futurismo literário em Portugal»).

18. Pablo Picasso (1881-1973), *Guernica* (1937).

Janson, Horst Woldemar (trad. port. 1989). *História da Arte*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. (útil para uma visão de síntese da obra de Picasso).

Pesquero Ramón, Saturnino (trad. port. 1993). *O Guernica: arte/paixão*. Goianas: Goiânia: Editora da UFG. (útil para a análise particular desta obra).

<http://www.artchive.com/> (acedido em 19.08.04). (sítio que fornece ilustrações das obras de Picasso (nomeadamente de *Guernica*), informação sobre o pintor, principal bibliografia e ligações a outros sítios de interesse).

19. Andy Warhol (1928-1987), *Coca-Cola* (1960).

Hafe Pérez, Miguel von (Cat. 1998). *Do banal, do cómico e do trágico: Andy Warhol, William Wegman, Luís Campos. On The banal, on the comic and the tragic*. Vila Nova de Famalicão: Fundação Cupertino de Miranda. (excelente para a compreensão da influência de A. Warhol).

Janson, Horst Woldemar (trad. port. 1989). *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (útil para uma primeira aproximação à obra de Andy Warhol).

Lippard, Lucy R. (dir.) (trad. port. 1973). *A Arte Pop*. Lisboa: Verbo. (útil para uma visão geral do movimento Pop).

*Tributo a Andy Warhol: da Pop Art e ou do novo Realismo* (Cat. 1999). Porto, Galeria Atlântica, 1999. (útil para uma visão de síntese da obra de A. Warhol).

<http://www.artchive.com/> (acedido em 19.08.04). (sítio que fornece ilustrações das obras de Andy Warhol, informação sobre o pintor, principal bibliografia e ligações a outros sítios de interesse).

20. Pina Bausch (1940- ), *Café Muller* (1978).

Hoghe, Raimun (1987), *Pina Bausch. Histoires de Théâtre dansé*. O teatro dançado de Pina Bausch.

Bentivoglio, Leonetta (1994). *O Teatro de Pina Baush*. Lisboa: Acarte, Fundação Calouste Gulbenkian. (obra acessível e em português. Traça a retrospectiva da obra e faz uma análise do método de trabalho da coreógrafa).  
<http://www.pina-bausch.de> (sítio da internet a ser explorado pelos alunos com o apoio do professor, visto ser em língua estrangeira).

#### 4. ARTES VISUAIS

- AA.VV. (1986). *História da Arte em Portugal*. 14 vol. Lisboa: Publicações Alfa (obra excelente para uma visão sistemática da arte portuguesa).
- Alarcão, J. de (1988). *O Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Europa-América (obra de síntese sobre este assunto, a complementar com o capítulo da sua autoria no vol. 1 da obra acima referida).
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (2002). *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença. (excelente ensaio de conjunto)
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (2001). *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Editorial Presença. (excelente ensaio de conjunto)
- Argan, Giulio Carlo (trad. port. 1998). *Arte Moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras (excelente análise do processo gestativo da arte contemporânea).
- Bazin, Germain (trad. port. 1992). *História da Arte, da Pré-História aos nossos dias*. Lisboa: Bertrand Editora (excelente visão de síntese de um dos grandes historiadores do séc. XX, com especiais ligações a Portugal e ao Brasil).
- Châtelet, Albert e Groslier, Bernard P. (trad. port. 1990). *História da Arte Larousse*. 3 vol. Lisboa: Civilização (obra clássica para uma visão de conjunto)..
- Chueca Goitia, Fernando (trad. port. 1989). *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença (excelente síntese para a introdução ao estudo do tema).
- Conti, Flávio (trad. port. 1996). *Como Reconhecer a Arte Barroca*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Conti, Flávio (trad. port. 1999). *Como Reconhecer a Arte do Renascimento*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Conti, Flávio (trad. port. 1984). *Como Reconhecer a Arte Grega*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Conti, Flávio (trad. port. 1996). *Como Reconhecer a Arte Rococó*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Conti, Flavio (trad. port. 1990). *Como Reconhecer a Arte Românica*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Delfant, Charles (trad. port. 2000). *A Grande História da Cidade*. Lisboa: Instituto Piaget. (verdadeiro e muito útil arquivo analítico das mais representativas experiências urbanísticas de todos os tempos).

- Dias, Pedro (1998 e 1999). *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico. O Espaço do Atlântico*. Lisboa: Círculo de Leitores (a mais completa sistematização sobre a expansão da arte portuguesa nos antigos territórios nacionais).
- Duby, George (trad. port. 1997). *História Artística da Europa. A Idade Média*. Lisboa: Quetzal Editores. (a análise da arte medieval por um dos seus mais conceituados especialistas).
- Duby, George (trad. port. 1993). *O Tempo das Catedrais. A arte e a sociedade, 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa. (obra incontornável no estudo da arte medieval).
- Fernandes, José Manuel (2000). *Arquitectura Portuguesa: uma síntese*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (como o título indica, exemplar estudo de síntese sobre a arquitectura e o urbanismo portugueses).
- Gomes, Paulo Varela (1987). *A Arquitectura Barroca em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. (exemplar síntese sobre o assunto).
- Gozzoli, Maria Cristina (trad. port. 1990). *Como Reconhecer a Arte Gótica*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Janson, Horst Woldemar (trad. port. 1989). *História da Arte*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. (obra generalista mas bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Koch, Wilfried (trad. port. 1985). *Estilos de Arquitectura: arquitectura europeia da Antiguidade aos nossos dias*. 2 vol. Lisboa: Editorial Presença. (excelente síntese da evolução da arquitectura ocidental).
- Lucie-Smith, Edward (trad. port. 1995). *Dicionário de Termos de Arte*. Lisboa: D. Quixote. (obra de referência no seu género).
- Mandel, Gabriel (trad. port. 1989). *Como Reconhecer a Arte Islâmica*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Mumford, Lewis (trad. port. 1998). *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes. (excelente para uma aproximação cultural ao urbanismo).
- Panofsky, Erwin (trad. port. 1981). *Renascimento e Renascimentos na Arte Ocidental*. Lisboa: Presença (obra fundamental para a compreensão do processo renascentista e sua lenta formulação).
- Pelletier, Jean; Delfante, Charles (trad. port. 2000). *Cidades e urbanismo no mundo*. Lisboa: Instituto Piaget. (excelente estudo sobre as grandes linhas de força do urbanismo enquanto disciplina).
- Pereira, José Fernandes (dir.) (1989). *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Editorial Presença. (muito útil para uma visão de síntese dos temas da arte barroca portuguesa)
- Pereira, Maria Helena da Rocha (7ª ed. 1993). *Estudos de História da Cultura Clássica. 1º vol – Cultura Grega*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (obra verdadeiramente clássica pela profundidade da análise e clareza da exposição).



- Pereira, Maria Helena da Rocha (2<sup>a</sup> ed. 1989). *Estudos de História da Cultura Clássica. 2º vol – Cultura Romana*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (de novo obra clássica pela profundidade da análise e clareza da exposição).
- Pereira, Paulo (dir.) (1995). *História da Arte em Portugal*. 3 vol. Lisboa: Círculo de Leitores (uma das mais recentes no seu género e especialmente bem arquitectada, sobretudo nos dois primeiros volumes).
- Pijoán, J. (dir.) (trad. port. 1972). *História da Arte*. 10 vol. Lisboa: Publicações Alfa. (obra generalista mas bem estruturada, com análise crítica e bem fundamentada de cada tema).
- Serrão, Vítor (2002). *História da Arte em Portugal. O Renascimento e o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- Serrão, Vítor (2003). *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sproccati, Sandro (dir.) (trad. port. 1991). *Guia de História da Arte*. Lisboa: Editorial Presença. (obra útil como guia de estudo e investigação).
- Tapié, Victor (trad. port. 1988). *Barroco e Classicismo*. Lisboa: Editorial Presença. (excelente síntese sobre a arte seis e setecentista).
- Tarella, A. (trad. port. 1985). *Como Reconhecer a Arte Romana*. Lisboa: Edições 70. (excelente para uma primeira aproximação).
- Teixeira, Luís Manuel (1985). *Dicionário Ilustrado de Belas-Artes*. Lisboa: Editorial Presença. (obra útil e de referência no seu género).
- Uphohn, Everard (dir.) (trad. port. 5<sup>a</sup> ed., 1993). *História Mundial da Arte*. Lisboa: Bertrand Editora. (obra síntese bem organizada, excelente para uma primeira aproximação aos diversos conteúdos).
- <http://witcombe.sbc.edu/ARTHLinks.html> (acedido em 19.08.04). Sítio que fornece uma informação sistemática e com certa profundidade sobre a arte universal, da pré-história aos nossos dias, incluindo todos os continentes e com referencia a museus e galerias e ligações a outros sítios.
- [http://www. abcgallery.com/](http://www.abcgallery.com/) (acedido em 19.08.04). Sítio de fácil acesso, especialmente vocacionado para a pesquisa sobre artistas e obras.